**ENTREVISTA**
Henrique Meirelles, ex-ministro da Fazenda, diz que Lula assusta o mercado para agradar seus eleitores

**G20 NO RIO**
Na presidência do Fórum, Brasil propõe taxar super-ricos para criar um pacto global pela alimentação

**KAMALA VS. TRUMP**
Como a economia brasileira será impactada pelas propostas econômicas dos dois candidatos?

# ISTOÉ Dinheiro




# A HORA DO CORTE



Fernando Haddad e Simone Tebet se rendem à realidade orçamentária e anunciam um contigenciamento de R$ 15 bilhões com um pente-fino em benefícios sociais. Mas a cifra pode ser apenas metade da necessária para respeitar o Arcabouço Fiscal

INÊS 249

INÊS 249

INÊS 249





# O DRAMA DO ORÇAMENTO PÚBLICO

O presidente Lula tentou encarar o problema fiscal brasileiro com uma bazófia, buscando demonstrar pouco caso. "Digo todos os dias para o Haddad não se preocupar, que a economia vai dar certo", trombeteou em meio a um encontro com empresários em São Paulo. No íntimo ele sabe, obviamente, que não é bem assim. Que as soluções econômicas não brotam por osmose, do nada. E foi provavelmente por meio dessa postura acomodada do chefe de Estado, na base do "deixa estar para ver como é que fica", adotada por tempo demasiado, que o quadro de gravidade aumentou e desembocou na situação-limite do momento. Os ministros Fernando Haddad e Simone Tebet, da Fazenda e do Planejamento, respectivamente, tiveram de vir à público para assumir aquilo que buscavam negar até o momento: o Orçamento explodiu, com um rombo que deve chegar perto de R$ 30 bilhões, no limite da meta fiscal e sinalizando, perigosamente, o risco de pedalagens que poderiam colocar em xeque a sobrevivência do próprio governo.

Foi um Deus nos acuda para chegar a essa decisão de assumir de público o erro. A equipe econômica buscou às pressas achar espaço para o corte dos gastos públicos — algo que deveria ter sido feito bem antes, mas que ela deliberadamente protelou. Na Previdência, o estouro é monstro (como não poderia deixar de ser), representando quase um terço do total, com alta de R$ 11 bilhões no ano esperada na conta. No geral, o tamanho do déficit alcança o indecente valor de redondos R$ 28,8 bilhões, segundo as contas oficiais (duvidosas, diga-se de passagem).

O congelamento de despesas virou a prioridade número um do Executivo. Mas os R$ 15 bilhões de contingenciamento, anunciados dias atrás, poderão não ser suficientes. Mesmo com ele, é um congelamento que almeja única e exclusivamente evitar o descumprimento do arcabouço – e as graves consequências decorrentes. A ideia de se alcançar uma volta ao centro da meta, com o propalado déficit zero, parece ter sido deixada para as calendas. O governo também está revisando, para baixo, a projeção de receitas do ano, diminuindo em R$ 6,4 bilhões o valor. Não é pouca coisa. Ao passar o pente-fino nas contas, ele busca, ao menos, transmitir alguma credibilidade diante de tanta desconfiança do mercado, que apostou no pior e elevou às nuvens o câmbio, desvalorizando brutalmente o real.

Na luta por novas receitas e para conter outros possíveis buracos, o time de Haddad tenta agora desarmar a bomba no STF de R$ 428 bilhões em ações de inconstitucionalidade no plano previdenciário. Seria, caso avance, a pá de cal no esforço de disciplina financeira. Atenuando o tom, como aconselhável para as circunstâncias, Lula resolveu declarar que fará bloqueios orçamentários sempre que necessário, alegando trazer a responsabilidade fiscal "nas entranhas". Nada mais falacioso diante de um comportamento que contradiz as palavras. Nos ministérios, é fato, ainda prevalece um certo "empoçamento" de recursos não utilizados para os fins destinados. Nessa seara ainda há como atuar. Seriam, ao menos, R$ 20 bilhões extras. Que venham para arrumar a contabilidade final.

*Carlos José Marques*
*Diretor editorial*


FOTOS: EVARISTO SA I LESSA I CLAUDIO GATTI I DIVULGAÇÃO

# Índice
















INÊS 249






PRIVATIZAÇÃO DA SABESP

## TARCÍSIO BATE O MARTELO (NÃO LITERALMENTE)

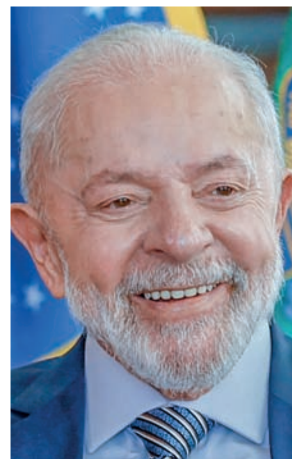
**O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, é uma daquelas figuras low profile – tão raras na política. Ele esteve na gestão dos três presidentes que antecederam Lula (isso mesmo: Dilma, Temer e Bolsonaro), sempre em cargos ligados a programas de infraestrutura e concessões. Quando alçou o mais alto cargo da política regional, como governador de São Paulo, era esperado que a gestão estivesse voltada para privatização e concessões. Demorou, mas saiu do papel. Mesmo com recomendações contrárias do governo federal, resistência da classe trabalhadora e alertas do Tribunal de Contas do Estado (TCE), ele seguiu em frente. Na segunda-feira, na B3, ele consolidou a venda de 32% da Sabesp, e colocou R$ 14,8 bilhões nos cofres do governo paulista. "Hoje, não tem martelo. Acho que ficaram com medo", disse o governador em alusão ao que ocorreu na sede da Bolsa em março do ano passado, quando ele quase quebrou o símbolo da B3 ao encerrar o leilão do Rodoanel Norte. "Não é o modelo do Reino Unido, não é o modelo do Chile, não é o modelo de Portugal, não é o modelo da Eletrobrás, é o modelo de São Paulo. E é o melhor da história." No fim, o fundo de investimentos Equatorial adquiriu o bloco prioritário das ações da Sabesp e vai desembolsar R$ 6,9 bilhões pela fatia da companhia. A venda, portanto, foi de 32% das ações, sendo 15% para o grupo Equatorial e 17% para investidores, incluindo pessoas físicas. O governo passa a deter 18,3% dos papéis. Os outros 49,7% das ações já eram listados em bolsa de valores.**

SAÚDE SUPLEMENTAR

## Planos fizeram 1,9 bilhão de procedimentos



A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) informou na segunda-feira (22) que os planos de saúde realizaram 1,9 bilhão de procedimentos médicos em 2023. De acordo com a agência, o número representa aumento de 7,4% em relação aos procedimentos realizados em 2022, quando foram registrados 1,8 bilhão de consultas, exames e cirurgias em todo o país. Conforme o levantamento, os procedimentos mais buscados pelos pacientes foram as consultas médicas, que chegaram ao patamar de 275,3 milhões no ano passado. Em seguida, estão os procedimentos odontológicos (196,2 milhões) e as internações (9,2 milhões). Foram realizadas 79,9 milhões de terapias por fisioterapeutas, fonoaudiólogos e psicólogos, número 19,7% maior em relação ao ano de 2022. No caso de exames, o número registrado foi 1,1 bilhão.



"Nós pretendemos discutir com os chineses uma nova parceria estratégica entre Brasil e China. Não apenas exportação de commodities, mas uma discussão envolvendo ciência, tecnologia, com a produção de chips, de software"

**LULA,** em coletiva com correspondentes internacionais





FOTOS: MONICA ANDRADE I RICARDO STUCKERT I FREEPIK




**RECURSOS HUMANOS**

## Google no topo das marcas inclusivas

O Google é a marca mais inclusiva do mundo. Pelo menos é que aponta o ranking *Brand Inclusion Index (BII)*, elaborado pela Kantar. A pesquisa considera a percepção dos consumidores sobre três pilares: diversidade, equidade e inclusão (DEI). O estudo ouviu 20,3 mil consumidores em 18 países. De acordo com o estudo da Kantar, seis em cada 10 pessoas (58%) afirmaram já ter sofrido discriminação no ambiente corporativo e os números são ainda mais expressivos para pessoas com dificuldades cognitivas e de aprendizagem (68%), também atingindo 61% do público LGBTQ+. Segundo a Kantar, as marcas escolhidas por pessoas de todo o mundo como as mais inclusivas também lideram suas categorias em termos de inovação, pela inclusão e diversidade da força de trabalho, publicidade inclusiva e experiência do cliente, veja o top 5.

| | |
|---|---|
| 1º | GOOGLE |
| 2º | AMAZON |
| 3º | NIKE |
| 4º | DOVE |
| 5º | MC DONALD'S |

**TAXA DAS BLUSINHAS**

## Novos valores começam a valer no sábado

A cobrança do imposto de importação de 20% sobre compras internacionais de até US$ 50 começa, oficialmente, na quinta-feira, (1º de agosto), seguindo as regras determinadas pelo Governo Federal. No entanto, para cumprir com o prazo necessário para os ajustes das declarações de importação, alguns e-commerces optaram por antecipar a cobrança dos impostos para este sábado (27). Esse é o caso do AliExpress e da Shopee, que já informaram que as compras de até US$ 50 efetuadas em suas plataformas a partir do dia 27 contarão com a taxa de importação de 20%. Além desse imposto, o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) de 17% continuará incidindo sobre os preços dos produtos. A Shein informa que seguirá a aplicação da legislação e colocará em vigência a nova alíquota a partir das 0h do dia 1º de agosto.

**FRANÇA**

## O inimigo do meu inimigo...

É meu amigo. A frase, bem conhecida pelos adoradores de quadrinhos, foi posta em prática na França, e quem acha que a direita e a esqueda nunca se unem em uma pauta em comum, não conhece os franceses. Por lá, a união entre os dois espectros políticos se dá para tentar barrar uma decisão do primeiro ministro, Emmanuel Macron, de aumentar a idade para aposentadoria de 62 para 64 anos. Imediatamente à movimentação do governo, o partido de esquerda França Insubmissa (LFI) anunciou medidas legislativas na terça-feira (23) para eliminar as mudanças previdenciárias. Horas depois, o partido de direita Reunião Nacional (RN), de Marine Le Pen, ofereceu seu apoio à legislação proposta pelo França Insubmissa, potencialmente aumentando suas chances de obter aprovação parlamentar.





**FUNDADOR:** DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

**EDITORA**
CATIA ALZUGARAY

**PRESIDENTE-EXECUTIVO**
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

**DIRETOR EDITORIAL**
CARLOS JOSÉ MARQUES

**DIRETOR DE NÚCLEO**
MARCOS STRECKER

**REDATOR-CHEFE**
HUGO CILO

**EDITORES:** Alexandre Inacio, Beto Silva e Paula Cristina
**REPORTAGEM:** Aline Almeida, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

**ARTE**
**DIRETOR DE ARTE:** Jefferson Barbato
**DESIGNERS:** Christiane Pinho e Iara Spina
**ILUSTRAÇÃO:** Fabio X
**PROJETO GRÁFICO:** Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

**ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE**
**EDITOR EXECUTIVO:** Airton Seligman
**WEB DESIGNER:** Alinne Nascimento Souza

**APOIO ADMINISTRATIVO**
**Gerente:** Maria Amélia Scarcello
**Assistente:** Cláudio Monteiro

**MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA**
**Diretor:** Edgardo A. Zabala

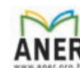
**Central de Atendimento ao Assinante:** (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

**PUBLICIDADE - Contato:** publicidade1@editora3.com.br

**Diretora de Publicidade:** Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

**ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

**Dinheiro** (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
**Redação e administração:** Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
**Dinheiro** não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
**Comercialização e Distribuição:** Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
**Impressão e acabamento:** D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP



INÊS 249





# LEÃO APOSTA NO CHÁ DO CRESCIMENTO



Dona de 51,8% de um mercado de R$ 1,1 bilhão em 2023, a centenária brasileira Leão Alimentos e Bebidas – marca de chás do grupo Coca-Cola desde 2007 – está com fome (e sede) de crescimento. Enquanto o segmento avançou 4,7% no ano passado na comparação com 2022, a Leão registrou expansão de 7,9%, de acordo com dados da Nielsen. No embalo desse ritmo de expansão, a meta é dobrar de tamanho até 2030, segundo **Marcelo Correa**, CEO da Leão. “Em 2020, estipulamos como meta dobrar as cifras da companhia até 2024. Conseguimos. Na época, nossos lançamentos anuais representavam 60% das vendas da Leão”, afirmou o executivo. “Isso é resultado de trabalho de pesquisa e inovação para oferecer aos consumidores opções, evidenciando como o chá é atrativo para consumo em diferentes momentos do dia, no calor ou no frio e para todos os gêneros e idades.” Ainda segundo a Nielsen, houve mudança no comportamento do consumidor e tendência de alta no consumo de chás em sachês. Essas embalagens representaram 82% do valor movimentado pelo consumidor em 2023. O destaque vai para o segmento de Frutas e Flores, com 9% de expansão. Outro destaque da Leão foi a ampliação de 26% em valor de vendas do Preparo em Água Gelada. A linha cresce dois dígitos por ano desde o lançamento em 2019. Em 2023, teve desempenho destacado nas regiões Centro-Oeste (+65%), Sudeste (+31%) e Nordeste (+26%) do País. Hoje a Leão aparece em 44º lugar no ranking BrandZ 50 Marcas Brasileiras Mais Valiosas de 2024 da Kantar Media. A marca é a única de bebidas por infusão a entrar na lista. No mesmo estudo, a Kantar classifica a Leão como a terceira mais significativa do Brasil.



## VIAGENS DE ÔNIBUS EM ALTA

Maior plataforma digital de viagens rodoviárias do País, a wemobi está crescendo em ritmo acelerado. A empresa projeta chegar a R$ 105 milhões de faturamento neste ano, alta de 59% sobre os R$ 66 milhões contabilizados em 2023. Segundo o CEO, **Rodrigo Trevizan**, a startup já rodou 27 milhões de quilômetros e



FOTOS: MARCO ANKOSQUI | GERMANO LÜDERS | DIVULGAÇÃO

INÊS 249



## **HAPVIDA** INVESTE R$ 600 MILHÕES EM SP E RJ

Gigante do setor de saúde, a Hapvida assinou memorando de entendimentos com a Riza Gestora de Recursos para o custeio de dois novos hospitais, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, em uma operação que deve chegar a R$ 600 milhões – metade para a aquisição dos terrenos e a outra metade para o custeio das obras. “A construção dessas duas novas unidades hospitalares de alta complexidade é mais uma comprovação do nosso compromisso em assegurar o melhor atendimento aos nossos beneficiários”, afirmou **Jorge Pinheiro**, CEO da Hapvida NotreDame Intermédica. O acordo prevê prazo de locação inicial de 20 anos, com opção de renovação por mais 20 anos, além de opção de compra em períodos e condições pré-determinados.

## **RECORDE** SOB A LUZ DO SOL



O Brasil acaba de ultrapassar a marca de 400 mil novas instalações de geração própria de energia solar em telhados de residências no primeiro semestre do ano. Os dados são da rede de franquias Portal Solar, que possui mais de 200 unidades espalhadas pelo País. Segundo o mapeamento, foram mais de R$ 8 bilhões em investimentos entre janeiro e junho de 2024. Com base nos balanços oficiais da Agência Nacional de Energia Elétrica e da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), o Portal Solar aponta que os novos telhados solares este ano representam cerca de 2 gigawatts (GW) de potência instalada nas residências, saltando de 9,7 GW acumulados no final de 2023 para 11,7 GW na metade de 2024. “Um fator importante é a facilidade de contratação de crédito por quem deseja instalar painéis solares”, disse **Rodolfo Meyer**, CEO do Portal Solar.



## **SICRED** CHEGA A R$ 200 BILHÕES

A aposta na ampliação do portfólio de investimentos, num cenário de volatilidade dos mercados globais e aumento do apetite dos investidores, resultou num crescimento de 25% na carteira da cooperativa Sicredi. Com isso, a instituição financeira alcançou R$ 200 bilhões neste ano, o maior montante de sua história, somatório de movimentação em depósitos a prazo, LCA/LCI, Fundos, Previdência e Renda Variável. “Nosso Home Broker complementou muito bem o nosso portfólio de produtos”, disse **César Bochi**, diretor-presidente do Sicredi.

transportou 2,1 milhões de passageiros. A wemobi tem parceria com as viações Cometa, 1001, Catarinense, Planalto Transporte, Gipsyy e Grupo Guanabara. “A centralidade do cliente nos inspira a garantir que nossas soluções atendam diretamente às necessidades e expectativas de nossos passageiros”, afirmou Trevizan.

## CONSTRUÇÃO EM CRESCIMENTO

O SETOR IMOBILIÁRIO ESTÁ SE REAQUECENDO NESTE ANO, SEGUNDO DADOS DO SENIOR INDEX, RELATÓRIO QUE MONITORA INDICADORES DE MERCADO, PUBLICADO PELA SENIOR SISTEMAS, QUE CONSIDERA 45 DAS 100 MAIORES CONSTRUTORAS DO PAÍS. CONFIRA O RESULTADO:



**4,50%** é a alta no volume de vendas de imóveis no primeiro semestre de 2024, em comparação ao mesmo período de 2023

**9,10%** é a expansão do Valor Geral de Vendas (VGV) dos empreendimentos analisados

**7,32%** é a alta no saldo de vagas de emprego na construção

**Os metros quadrados mais valorizados estão em...**

| | |
|---|---|
| Brasília | R$ 10.857,82 |
| Goiânia | R$ 10.699,78 |
| São Paulo | R$ 9.997,69 |
| Curitiba | R$ 9.498,06 |
| Uberlândia | R$ 5.232,88 |

Fonte: Senior Index

# DE SERVENTE DE PEDREIRO A EMPRESÁRIO DE SUCESSO:

## Conheça a história inspiradora de Alzier Vinícius que transforma a vida das pessoas através do marketing e vendas

Nascido em família humilde em Belo Horizonte-MG, Alzier Vinícius, de 37 anos, tem uma história de superação e perseverança. Um dos seus primeiros empregos foi de servente de pedreiro e com muito orgulho, ele relata sua trajetória marcada por determinação e coragem em busca da realização do seu sonho. *"Meu primeiro emprego foi ajudando meu pai nas obras. Ele era pedreiro e eu e meu irmão mais velho ajudávamos nas construções após a escola. Foi ali que ganhei meu primeiro suado dinheiro, e minha primeira conquista foi um celular. A sensação de conseguir comprar algo com o meu próprio esforço foi incrível. Trabalhar com meu pai nos ensinou a ter responsabilidade, dar valor ao trabalho e ao esforço na vida de um homem. Isso tudo me ajudou a ser a pessoa que sou hoje"*, conta.

*"Sempre fui uma criança tímida, introspectiva, e por ter gagueira tive muita dificuldade na escola. Foi nessa época que descobri minha paixão pela leitura; amava ler jornais. A curiosidade e o gosto pela leitura sempre me colocaram um passo à frente em relação ao conhecimento sobre as coisas, e tudo isso facilitou quando conheci a área de tecnologia. Em 2007, passei em um concurso como auxiliar administrativo na Câmara Municipal de São José da Lapa, porém queria mais e logo vi que ali seria pouco para mim e para o objetivo de vida que eu tinha"*, conta.

Alzier Vinícius desafiou as adversidades e se destaca hoje no empreendedorismo como um empresário visionário que tem como objetivo transformar outras vidas através de seu conhecimento no marketing e vendas. Ele juntou coragem para deixar o emprego e empreender. *"Em 2011, quando o marketing ainda era pouco conhecido, um amigo chamado Miquéias Adriano me apresentou essa novidade. Foi paixão imediata e, através de um convite dele, larguei meu emprego, saí de Minas Gerais e fui morar em Santa Catarina. Ali foi onde a chave virou em minha vida. Conheci outra realidade, convivi com pessoas que me ensinaram muitas lições valiosas e que levo para a vida. Descobri que era com isso que queria trabalhar pelo resto da minha vida e que essa área seria a responsável por realizar boa parte dos meus sonhos"*, disse.

Há mais de 10 anos, Alzier abriu sua própria empresa, a Multileads, que tem como principais serviços ofertados a aceleração de vendas, campanhas pontuais para aumento de vendas através de estratégias personalizadas, criação de projeto de estruturação de setor comercial e do setor de marketing, criação e gestão completa de infoprodutos, consultoria e mentoria de aceleração de vendas e gestão comercial.



*"A Multileads se destaca pelo compromisso com seus clientes, trazendo resultados robustos, previsíveis e que tragam mais qualidade de vida para eles (clientes) e seus familiares. Afinal, acreditamos que uma empresa que vende bem e lucra pode proporcionar aos seus sócios a qualidade de vida e gestão de tempo que eles merecem. Em 11 anos de empresa, já colhemos muitos frutos, isso é fato. Com métodos próprios e validados, já conseguimos fazer a diferença na vida de inúmeras famílias e vamos em busca de obter cada vez mais resultados e crescimento"*, disse.

Jornalista Daniela Duarte

No final de 2022, a Multileads passou por uma grande reestruturação no seu modelo de negócios. Estavam estagnados e precisavam fazer algo a respeito. *"Foi aí que resolvi jogar alto e arriscar tudo, colocar a pele em risco. Foi um período muito difícil e desafiador. Era como arrumar o carro com ele andando em alta velocidade. Tivemos problemas que quase quebraram a empresa e deram fim ao nosso sonho. Muitos reembolsos, feedbacks negativos de clientes e muitas decisões a serem tomadas, algumas delas erradas, confesso, e isso culminou em uma série de problemas também fora da empresa. Mas somos empresários e não desistimos*

*nunca. Estancamos a crise e estamos dando a volta por cima. Após vários testes e pequenos ajustes, validamos o novo modelo de negócios e voltamos a crescer novamente. Reconquistamos a confiança de vários clientes e conquistamos a cada dia a confiança de novos, que não somente contratam, mas indicam também nossos serviços. Toda empresa passa por desafios, não tem como escapar. O que faz a diferença é a fé em Deus, em nós mesmos e na nossa equipe, e graças a Deus estamos conseguindo ter êxito"*, concluiu.

*"Estamos inaugurando a nova sede em Belo Horizonte no mês de agosto de 2024 porque acreditamos que nossos clientes e colaboradores merecem o melhor que podemos oferecer a eles. Um local muito bem localizado, moderno e confortável que com certeza será o palco de excelentes resultados para nossos clientes e para nós também. Hoje, a Multileads é a melhor opção para empresas que querem crescer e aumentar sua base de clientes através de processos seguros e previsíveis de marketing e vendas. Temos métodos validados, únicos e personalizados de acordo com a necessidade de cada empresa. Além de oferecer um suporte rápido e acompanhamento integral durante todo o período de contrato conosco. Temos planos de abrir também uma filial em São Paulo"*, externou o empresário.

Sobre sua missão de vida, Alzier destaca que é poder impactar ainda mais na vida das pessoas, ajudando no sucesso em seus negócios e empresas. *"A nossa missão é ajudar as pessoas através do meu conhecimento. É facilitar ao máximo a vida dos nossos clientes, através do marketing e de vendas, para que eles possam crescer, prosperar e, o mais importante, ter tempo de qualidade para que possam também curtir a vida com sua família e amigos. Minha maior motivação é gerir pessoas e me conectar com elas, é poder inspirá-las ao seu melhor e mostrar que elas podem chegar onde quiserem. Nada é sorte, é método para alcançar o que deseja"*, concluiu.

Para conhecer mais a trajetória desse empresário implacável, que inspira pessoas através do seu trabalho e transformar também a sua vida conquistando sua liberdade financeira, através do marketing e vendas, acompanhe-o nas redes sociais: @alziervinicius e também siga sua empresa que pode te ajudar em seus negócios: @multileadsoficial / www.multileads.com.br



INÊS 249



# "O arcabouço fiscal limita o crescimento da economia"

Depois de 13 anos dedicados à vida pública, ele dá uma nota seis para a atual gestão da política econômica do Brasil e considera que Fernando Haddad poderia fazer mais. Porém, reconhece que o atual ministro enfrenta limitações internas

**Alexandre INACIO**

Ele resolveu pendurar as chuteiras da vida pública. Depois de oito anos à frente do Banco Central, dois no Ministério da Fazenda e pouco mais de três conduzindo a economia do Estado de São Paulo, Henrique Meirelles considera já ter dado uma contribuição substancial ao setor público. Perto de completar 79 anos, o engenheiro civil que construiu carreira no mercado financeiro se dedica hoje a alguns poucos conselhos empresariais, vivendo na capital paulista. Responsável por controlar a inflação durante as duas primeiras gestões de Lula, Meirelles encabeçou a criação do teto de gastos do governo federal durante a gestão de Michel Temer. Sua política acabou sendo substituída pelo atual arcabouço fiscal, que ainda não conseguiu chegar ao tão esperado déficit zero. Em sua casa, na Zona Oeste de São Paulo, o ex-ministro recebeu a equipe da DINHEIRO para falar sobre a independência do Banco Central, impostos, juros, câmbio e outros tópicos da atual política econômica brasileira.

**DINHEIRO — Como o sr. avalia a atual política econômica do governo e sua gestão?**

**HENRIQUE MEIRELLES —** O dado que me parece mais relevante é que existe uma preocupação na área econômica neste governo com a expansão fiscal. Tanto que, logo no início, foi criado o arcabouço fiscal. Apesar de não ser tão preciso, tão eficaz quanto o teto [de gastos] foi um movimento importante para um governo do PT manifestar e determinar limitações na expansão fiscal. Isso é o que tem permitido que a economia esteja crescendo, apesar de as projeções do PIB estarem caindo, pelo relatório Focus, de uma forma moderada, de 2,15% da projeção atual para 1,93% no ano de 2025. Um crescimento que não é brilhante. Nada comparável ao crescimento dos dois primeiros mandatos do Lula, quando, principalmente no primeiro mandato, houve um superávit primário relativamente elevado.

**Mas o presidente tem dado declarações que estão gerando instabilidade no mercado.**

Evidentemente, existem essas questões referentes a uma certa volatilidade do mercado, com as declarações do presidente. Agora, é compreensível. O presidente tem que falar para duas audiências. Ele quer falar com o público que é a base da sua popularidade e dos seus votos, um público de renda mais baixa. Ao mesmo tempo, tem que falar um pouco também para os agentes econômicos de uma maneira geral, para assegurar que não vai haver uma expansão [dos gastos] que possa levar a um desequilíbrio, como foi o caso de 2015 e 2016.

**Nesse cenário, o contingenciamento do orçamento anunciado recentemente se fez necessário?**

É necessário, um sinal importante. O mercado questiona um pouco se foi suficiente, mas a direção é correta. O fato concreto é que o desemprego está baixo, os dados econômicos estão positivos. Existe uma certa margem, mas precisa controlar as despesas sim. Isso é importante. E o mercado enxerga a preocupação de Haddad e da ministra Simone Tebet [Planejamento] com o gasto público, mas não vê essa mesma preocupação no presidente Lula, que precisa falar com essas duas audiências.

**Outro jeito de fechar as contas é gerar receita. Os impostos criados são necessários?**

Depende. De um lado, a resposta é não. O Brasil já tem uma tributação muito elevada. Por outro lado, o caminho que o governo tem achado para assegurar o déficit fiscal zero, é a contribuição de um aumento de tributação. Portanto, é necessário. Afinal, é a trajetória para ter um déficit menor. O caminho para resolver isso teria quer ser algo muito difícil de ser feito: a reforma administrativa, mas há muita resistência. Isso foi feito em São Paulo, em 2022, quando o orçamento estava equilibrado e com a reforma gerou um saldo orçamentário de R$ 53 bilhões. Isso no Estado, na União poderia ser R$ 200 bilhões ou mais.



O mercado enxerga a preocupação de Haddad com o gasto público, mas não vê essa mesma preocupação no Lula"

**Diferentemente do teto de gastos, o arcabouço fiscal pressupõe um aumento da arrecadação para se chegar ao déficit zero.**

O teto de gastos assegurou uma diminuição do total das despesas públicas porque considerava a correção pela inflação do ano anterior. Portanto, não existia crescimento real. Com o PIB tendo um crescimento real, por definição, isso foi baixando. O tamanho do Estado foi crescendo no Brasil durante 25 anos. Por exemplo, de 1991 até 2016, a despesa pública cresceu de 10,8% do PIB para 20,5% e depois começou a cair com o teto. Era uma medida muito dura, que independia de receita e funcionou. O arcabouço depende de receita e, portanto, uma solução para atendê-lo é aumentar a tributação, o que gera esse problema e que limita o crescimento. É melhor do que simplesmente ter déficit, mas limita o crescimento exatamente porque aumenta a carga tributária.

**Haddad tem sido um bom ministro?**

Dentro das limitações, sim. Poderia ser melhor, mas ele tem ido na medida possível.

**Qual a nota para a atual política econômica?**

Eu diria um seis. Dá para assegurar essa taxa de crescimento.

**O senhor seguiria outro caminho?**

Quando fui ministro da Fazenda, em 2016, quando assumi, em maio, o PIB de junho de 2015 a maio de 2016 caiu 5,2%. Foi uma das maiores quedas da história do Brasil e uma grande queda internacionalmente, para um país que não está em guerra, em conflito armado e coisa parecida. Com o gasto sendo limitado pelo teto, tivemos em 2017, se medido de janeiro a dezembro, um crescimento de 2,2%. Tivemos um salto muito grande, de uma recessão forte para uma trajetória de crescimento. Por quê? Porque, no momento que se controlou as despesas, a atividade econômica começou a reagir, porque a confiança voltou, porque os investimentos voltaram e começou a se criar emprego. Não há dúvida, que o melhor programa social que existe é o emprego. Na realidade, essa é a

limitação do problema do gasto público. Bolsa Família e outros programas são importantes para você dar uma sustentação para aqueles que estão fora do mercado de trabalho, mas não pode chegar a um ponto de expansão que prejudique o crescimento e, portanto, a criação de emprego.

**O presidente Lula já disse que quando o senhor esteve no Banco Central havia independência. Havia?**

Quando o então presidente eleito, no final de 2002, me convidou para ser presidente do Banco Central. Eu disse que aceitava, mas que precisaria de certas condições para trabalhar. Ele perguntou quais seriam e eu disse: a independência. Ele quis entender melhor essa questão de nomear o presidente e ele ser independente, e eu disse que era semelhante ao que acontece com os ministros do Supremo.

Depois de nomeado ele vai ser independente. Ele entendeu e concordou. Foi apresentado um projeto de independência, só que ficou claro que, naquele momento, não seria aprovado no Congresso. A esquerda era totalmente contra e também alguns setores empresariais. O presidente me chamou e disse que não seria possível aprovar. Eu disse que tínhamos um acordo de total independência e que eu agiria de forma independente. Agora, como a lei não tinha sido aprovada, ele tinha a prerrogativa de me exonerar. Passei lá oito anos e não fui exonerado.

**Mas, passada essa fase, ter um Banco Central independente é importante?**

É importante porque esse acordo, essa montagem que funcionou naquela época depende muito da personalidade, da estatura do presidente do Banco Central, das condições da economia no momento, do próprio presidente. [A independência] dá mais segurança aos agentes econômicos, à política econômica em geral fazer como faz a maioria dos países mais desenvolvidos do mundo de ter um Banco Central independente, em que as decisões são baseadas em projeções de inflação, crescimento, desemprego e não em conveniência política.

**Diante disso, as declarações do presidente não acabam gerando mais instabilidade que o necessário?**

Depende do ponto de vista. Do ponto de vista da popularidade do presidente, as pesquisas mostram que críticas ao Banco Central aumentam a popularidade dele. Para esse público, que é a maioria dos eleitores e é fundamental, a crítica ao Banco Central é positiva. Do ponto de vista dos agentes econômicos e do mercado, não. Porque isso gera instabilidade, preocupação com a nova diretoria do Banco Central. Por outro lado, a última decisão do Copom, em que houve unanimidade, inclusive com votos dos diretores nomeados pelo presidente Lula, deu uma boa tranquilizada no mercado. Sinaliza que, em tese, o Banco Central vai continuar olhando, fundamentalmente, para o controle da inflação, que é sua função básica.



> Pesquisas mostram que críticas ao Banco Central aumentam a popularidade do presidente"

**A Selic está onde deveria estar?**

Uma das coisas que eu concluí nos meus oito anos de Banco Central é o seguinte: se você deixar de lado as questões e os entes políticos, pensando tecnicamente, a taxa de juros não é subjetiva. O Banco Central tem diversos modelos matemáticos para projeção de inflação. Se a Selic for mantida constante, qual a projeção em um horizonte previsível? Se o Banco Central baixar a taxa de juros? Se o Banco Central seguir as projeções de taxa Selic do mercado, qual é a inflação? Baseado nisso ele toma uma decisão. Partindo do pressuposto que as pessoas lá estão olhando esses modelos, está onde deveria estar. A decisão é fria, técnica. O Banco Central tem que controlar a inflação, não é uma questão de opinião.

**Qual o grande projeto do Brasil que ainda precisa ser endereçado?**

É a produtividade. Segundo dados do Banco Mundial de um estudo que eu encomendei em 2017 mostra que a produtividade do Brasil como percentual da produtividade americana, caiu de 50% na década de 70 para 25%. Existe uma série de medidas que foram recomendadas, algumas aprovadas naquela época como, por exemplo, o que se chamou de cadastro positivo. Isso permitiu a criação do Pix, por exemplo. Mais de 140 milhões de pessoas usaram o Pix em 2023, sendo que mais de 80% das operações foram inferiores a R$ 40. Isso significa que a grande massa da população que estava transacionando em dinheiro passou a usar o Pix e isso gera um grande aumento de produtividade. Outro ponto importante é a questão tributária. O estudo mostrou que uma empresa brasileira gasta 1.700 horas por ano só com burocracia para pagar o imposto.

**A reforma tributária não resolveu isso?**

A reforma tributária está ainda para ser regulamentada, mas com resultados médios. As exceções e as taxas especiais são o que complicam. Mas, vamos ver o quão mais simples será exatamente o resultado final da regulamentação, pois é muito importante para a questão da produtividade. A estrutura em si está ok, é simplificadora. Temos que aguardar as regulamentações.

**E o que ainda falta ser feito para alavancar a produtividade?**

Algo que existe no Brasil, que é feito pelo sistema S, mas precisaria ter um investimento muito maior, é a questão da educação e do trabalho técnico, equipar o trabalhador. Todos os projetos que são feitos hoje pelo sistema S, uma expansão muito maior liderada pelo governo, seria importante para aumentar a produtividade. Esse é o quadro que a gente pode adicionar. S

INÊS 249

INÊS 249





# Mercado de tintas quer uma nova pintura

O mercado brasileiro de tintas está buscando uma nova roupagem para ganhar espaço na onda ESG. Nos últimos anos, a indústria tem buscado desenvolver tintas mais sustentáveis, apostando na substituição de algumas matérias-primas, tanto para pintura de carros quanto de imóveis. O programa setorial de sustentabilidade, desenvolvido pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas (Abrafati) contou com a participação de 93% dos fabricantes no ano passado. Na média, as empresas atenderam 53% dos 44 indicadores criados em conjunto com o Instituto Akatu, o que coloca o setor no nível intermediário do programa. Agora, a meta é dar um passo além e subir para o nível avançado até 2030, para, no futuro, chegar ao estágio de referência, o último previsto. “Estamos fazendo o inventário de emissões do setor. Concluída essa fase, vamos anunciar no fim de 2024 qual será a meta de redução da indústria de tintas do Brasil”, disse **Luiz Cornacchioni**, CEO da Abrafati.

O interesse da indústria nacional em se posicionar de uma forma mais clara em relação aos aspectos ESG não é por acaso. O Brasil é o quinto maior fabricante do mundo e tem avançado rápido para superar a Alemanha na quarta posição. No ano passado, foram produzidos quase 2 bilhões de litros de tintas, sendo 75% direcionados ao segmento decorativo. Nos primeiros seis meses de 2024, as vendas cresceram 2,1%, sendo a região Centro-Oeste a que mais avançou (3,2%). Fatores como o aumento da confiança do consumidor, baixas taxas de desemprego e a crescente tendência a investimentos em melhorias residenciais têm impulsionado as vendas no varejo e levado a indústria a projetar um crescimento de 2,5% para o ano.



*SEBRAE*

## MICROEMPREENDEDORES **MAIS PREOCUPADOS**

Levantamento realizado pelo Sebrae mostra que os microempreendedores individuais (MEI) estão ficando mais atentos aos assuntos relacionados à sustentabilidade. A pesquisa mostra que o controle do consumo de energia (75% dos entrevistados) é a medida mais praticada pelos microempresários, seguida pelo controle do consumo de água (67%) e separação de lixo para coleta seletiva (64%). Esse último, aliás, foi o indicador que mais cresceu desde 2022, quando era adotado entre 52% dos entrevistados.

A pesquisa relacionou 10 ações de sustentabilidade e questionou quais delas eram praticadas nas empresas.
No caso dos MEI, houve crescimento em todas as práticas. “Para além de uma questão de respeito ao meio ambiente e às demandas de consumidores, a pauta da sustentabilidade ambiental também diz respeito à redução dos custos de operação dos pequenos negócios, com a diminuição do desperdício e aumento da eficiência”, disse o presidente do Sebrae, **Décio Lima**.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO | NELSON ALMEIDA /AFP

INÊS 249

*CARBONO*

## MERCADO **VOLUNTÁRIO PERDE FORÇA**

Enquanto o mercado de crédito de carbono não é regulamentado no Brasil, o mercado voluntário dá sinais de enfraquecimento. Um estudo do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da FGV mostra que o mercado voluntário no Brasil foi 90% menor em 2023 sobre 2021, ano em que o País registrou o recorde de emissão na série histórica. Em 2023, houve um pouco mais de dez projetos e 3,38 milhões de créditos emitidos. Esse resultado representa o menor número de projetos de emissão de créditos nos últimos três anos. “A redução no volume de créditos emitidos e de projetos entre 2021 e 2023 sugere uma instabilidade e falta de confiança no sistema atual. Um dos principais desafios é assegurar que os créditos realmente representem reduções reais, adicionais e permanentes de emissões de gases de efeito estufa”, disse a autora do estudo, Fernanda Valente.






*DESMATAMENTO*

## CERRADO REDUZ A **DERRUBADA DO BIOMA**

O desmatamento no Cerrado brasileiro totalizou 347 mil hectares nos primeiros seis meses do ano. A área representa uma redução de 29% em comparação ao mesmo período do ano passado, conforme dados do Sistema de Alerta de Desmatamento do Cerrado, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM). Apesar da redução no desmatamento, os Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (Matopiba) responderam por 77% de toda a vegetação nativa perdida no primeiro semestre — aproximadamente 266 mil hectares. Na Bahia, Estado que concentra alguns dos municípios que mais desmataram em 2023, a queda foi de 53%. Já Goiás perdeu 15 mil hectares, uma redução de 59% em relação a 2023 e registrou a maior queda dentre todos os Estados do Cerrado.

INÊS 249





**RICARDO VOLTOLINI**
É CEO DA IDEIA SUSTENTÁVEL, FUNDADOR DA PLATAFORMA LIDERANÇA COM VALORES, MENTOR E CONSELHEIRO DE SUSTENTABILIDADE

# ESG PARA VALER COMEÇA POR ENFRENTAR DILEMAS

Não raro, me perguntam como faço para avaliar o grau de seriedade do compromisso de uma empresa com a sustentabilidade. Justa preocupação nesses tempos de greenwashing, discursos mais abundantes do que práticas e foco maior nos ganhos de reputação do que nos benefícios de valor direto para o negócio.

Costumo recorrer a uma metáfora médica para dar a minha resposta. Se tiver acesso a uma imagem de “ressonância magnética”, que permita colher diferentes evidências, levarei em conta seis fatores: (1) a existência de uma cultura orientada por valores, (2) uma visão de mundo propositiva no longo prazo, (3) a presença de uma liderança cuidadora, inclusiva, íntegra e ecocêntrica, (4) uma estratégia com objetivos claros, metas, métricas e planos de ação, (5) a convergência dessa estratégia com a de negócios, e ainda (6) o rigor com que a empresa reporta a sua evolução no enfrentamento dos impactos ESG.

Se só puder examinar um único elemento, vou procurar saber como a empresa está lidando com os seus principais dilemas ambientais, sociais e de governança. É um indício relevante. Um sinal de coerência e firmeza de propósito.

Dilema, por definição, é uma escolha difícil entre duas possibilidades. Toda escolha pressupõe renúncia. No caso do ESG, significa flexibilizar alguns fundamentos econômicos dos negócios. Diz respeito a incorporar, no presente, os custos de externalidades nunca antes precificadas, aceitando mudanças no padrão de retorno sobre investimento, em nome de uma economia de baixo carbono, mais respeitosa às pessoas e ao planeta, capaz de assegurar os recursos necessários às próximas gerações. Opõe visões de longo e curto prazo.

Exemplos de dilemas ESG têm aos montes. Mudar a embalagem de um cosmético para reduzir emissões de carbono ou mantê-la porque o cliente não abre mão de um design intensivo em uso de energia? Explorar petróleo na Amazônia para gerar riqueza ou preservar a ambição de ser o protagonista da descarbonização do planeta? Lançar mais resíduos numa barragem tecnicamente condenada, para economizar custos de operação, ou descontinuá-la em benefício da segurança dos colaboradores, das comunidades e do ecossistema local? Manter uma política de diversidade e inclusão para acolher as novas gerações ou interrompê-la, sem prévio aviso, para não desagradar os clientes ultraconservadores preocupados com pautas moralistas?

Não foram poucas as vezes, nos últimos anos, em que, antes de uma palestra ou reunião, fui alertado para não abordar temas “espinhosos” com a turma do C-Level. Segundo os meus interlocutores, expor os dilemas, mais do que ajudar, acabaria por “chatear” a audiência, levando-a à rejeição. Um argumento conveniente para mudar sem mudar nada.

Assisti, incrédulo, alguns líderes “recém-convertidos” ao ESG interromperem ações relacionadas a dilemas, alegando “despreparo” para o desafio (na verdade, para o investimento necessário). Presenciei outros botando o pé no freio de estratégias de sustentabilidade, com base em argumentos fracos como “escassez de métricas confiáveis e “desinteresse dos acionistas” ou, simplesmente falaciosos, como o “movimento anti-ESG nos EUA”.

Os atores de mercado não cobram respostas prontas para os dilemas de ESG. Ninguém as tem porque são complexas e sistêmicas. Exigem sim que as empresas os enfrentem, com a coragem de quem quer construir um futuro e não temê-lo.

Adiar a solução de dilemas significa sentar em cima de riscos, terceirizando responsabilidades e empurrando decisões e custos para as gerações futuras. É um expediente a que ainda recorrem acionistas apressados e CEOs reféns do balanço trimestral. Um foco de curto prazo, segundo Paul Polman, ex-CEO da Unilever “mata as oportunidades de criação de valor” do ESG. Construir uma “empresa de impacto positivo” exige determinação, tempo, recursos e colaboração.

INÊS 249






INÊS 249



# G20: fim da fome pass a

## PRESIDÊNCIA DO BRASIL DA CÚPULA É MARCADA POR CONSTRUÇÃO DE PACTO CONTRA FOME E POLÍTICA DE TAXAÇÃO DE SUPER-RICOS, UM DESENHO QUE FUNCIONA NA TEORIA, MAS TÊM DESAFIOS GLOBAIS NA PRÁTICA

**Paula CRSTINA**

Na infância o consumo de contos se tornou uma forma de explicar o mundo para as crianças, mas tais conceitos, adaptados à vida adulta, ganham contornos distorcidos da realidade. Umas dessas estórias distorcidas ao passar da vida é aquela do garoto que tirava bens dos mais ricos, para dar aos pobres. Na psicologia, esse comportamento é chamado de síndrome de Robin Hood, um estado bastante comum em situações de grande desigualdade social e amplamente utilizado na retórica de políticos em nações de desenvolvimento. Também há a construção do Super-homem, aquele indivíduo que, sozinho, se diz capaz de resolver todos os problemas do mundo. A execução do encontro do G20 no Brasil, e com o Lula na presidência do bloco, carrega um pouco destas duas figuras. No Rio de Janeiro, o encontro foi palco da construção de um pacto global contra a fome, além do embrião de uma discussão sobre a taxação dos super-ricos, ambos pleitos do governo brasileiro durante sua passagem pela presidência do grupo. "A fome não resulta apenas de fatores externos, ela decorre, sobretudo, de escolhas políticas. Hoje o mundo produz alimentos mais do que suficientes para erradicá-la. O que falta é criar condições de acesso aos alimentos", disse Lula.




**SHERWOOD BRASILEIRA**
No Rio de Janeiro, líderes do G20 mostraram simpatia à ideia de uma política global de combate à fome, mas plano de taxar os super-ricos ainda gera desconforto

Durante seu discurso, o presidente reforçou que os gastos com alimentos subiram 7% no último ano, totalizando US$ 2,4 trilhões, mas não houve redução da fome. "Inverter essa lógica é um imperativo moral, de justiça social, mas também essencial para o desenvolvimento sustentável", acrescentou o presidente no evento de pré-lançamento da força-tarefa para a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza. Advogando em causa própria, Lula usou os números da ONU sobre o Brasil. Segundo o Mapa da Fome, em 2023, a fome

 FOTOS: RICARDO STUCKERT I BRUNO KAIUCA

# s a pelas mãos dos ricos




extrema no Brasil caiu 85%, o que, em números absolutos, significa que 14,7 milhões de pessoas deixaram de passar fome no país no ano passado. Percentualmente, a queda foi de 8% para 1,2% da população. "A fome não é uma coisa natural, a fome é uma coisa que exige decisão política", reforçou Lula. "Não é possível que, na metade do século 21, quando a gente já está discutindo até inteligência artificial, a gente ainda seja obrigado a fazer uma discussão dizendo para os nossos dirigentes políticos do mundo inteiro, 'por favor, olhem os pobres porque eles são seres humanos, eles são gente e eles querem ter oportunidade'", completou o presidente.

**NA OUTRA PONTA** Se uma união global pelo fim da fome pareceu ser bem aceita pelos membros do G20, um outro assunto sensível aos países mais desenvolvidos e liberais gerou algum desconforto. Defensor de uma reforma das instituições de governança global, como o FMI, o presidente do Brasil reforçou a importância da taxação dos super-ricos. "A riqueza dos bilionários passou de 4% do PIB mundial para quase 14% nas últimas três décadas. Alguns indivíduos controlam mais recursos do que países inteiros", disse Lula.

"Vários países enfrentam um problema parecido: no topo da pirâmide, os sistemas tributários deixam de ser progressivos e se tornam regressivos. Os super-ricos pagam proporcionalmente muito menos impostos do que a classe trabalhadora. Para corrigir essa anomalia, o Brasil tem insistido no tema da cooperação internacional para desenvolver padrões mínimos de tributação global, fortalecendo as iniciativas existentes e incluindo os bilionários", reforçou o presidente.

O assunto foi debatido com os responsáveis pela área fiscal e econômica das 19 nações, mais a União Europeia, que estiveram no encontro, incluindo Janet Yellen, secretária do Tesouro dos Estados Unidos. No encontro, o ministro da Fazenda brasileiro, Fernando Haddad, reforçou que uma taxação equivalente a 2% da riqueza dos bilionários resultaria em uma arrecadação entre US$ 200 e US$ 250 bilhões. "Aproximadamente, cinco vezes o montante que os dez maiores bancos multilaterais dedicam ao enfrentamento da fome." Em comunicado, a secretaria de assuntos internacionais da Fazenda confirmou ter havido avanços na negociação, mas não deu detalhes nem cifras, ou países que encamparam o complexo de Robin Hood à moda brasileira.



**A XERIFE DE NOTTINGHAM**
Fernando Haddad encontra a secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen na tentativa de obter avanços na taxação dos super-ricos

INÊS 249



# COMO SERÁ A ECO
# COM KAMALA OU

A ENTRADA DE KAMALA HARRIS NA CORRIDA PRESIDENCIAL DEU UM NOVO FÔLEGO PARA O PARTIDO DEMOCRATA E ACIRROU A DISPUTA CONTRA DONALD TRUMP, MAS OS EUA E O MUNDO QUEREM SABER QUAIS SÃO OS PLANOS DA NOVA CANDIDATA PARA A ECONOMIA

**Allan RAVAGNANI**

# CONOMIA
# TRUMP?

Kamala Devi Harris, de 59 anos, a atual vice-presidente dos Estados Unidos, será a rival de Donald Trump na eleição de 5 de novembro para a Presidência do país. Seu nome virou consenso no Partido Democrata após a desistência de Joe Biden, no último domingo (21). A campanha real já começou, mas a formalização da candidatura só acontecerá na convenção do partido, no período de 19 a 22 de agosto, em Chicago.

Endossada por Biden em sua carta de desistência, Harris deu novo ânimo aos democratas e seus apoiadores. Em apenas três dias, sua campanha já arrecadou mais de US$ 100 milhões (R$ 559 milhões) em doações. Pesquisa da Ipsos divulgada no dia 22 já aponta empate técnico com Trump. As bolsas mundo afora fecharam a segunda-feira (22) no positivo, mas o mercado ainda quer saber quais são os planos da ex-promotora e procuradora-geral da Califórnia para o país. Em busca dessas respostas, a DINHEIRO ouviu economistas, profissionais de comércio exterior, de relações internacionais e acadêmicos, que ressaltaram as diferenças de estilo dela e do megaempresário.

**ECONOMIA** Donald Trump já mostrou como opera e Kamala ainda precisa detalhar seus planos, de acordo com o economista Igor Lucena. Ele ponderou que a economia com Trump será focada nos EUA, com uma visão mais protecionista e possivelmente com a imposição de uma tarifa de 60% em todos os produtos chineses, o que levaria ao encarecimento dos itens e um aumento na inflação. "Kamala deve ser mais parecida com Biden, com aumento de gastos públicos e endividamento para impulsionar o PIB", afirmou. Para o professor honorário da Universidade de Oxford e advogado especialista em direito internacional, Daniel Toledo, a tendência dos democratas é de manter os gastos públicos elevados. "Acredito em aumento de benefícios públicos voltados para estudantes, população mais carente e até imigração", disse.

Designada para liderar os esforços relacionados à imigração ilegal, Harris, que é filha de mãe indiana com pai jamaicano, viu um recorde na entrada de pessoas sem documentação pela fronteira com o México. Para o economista e professor de relações internacionais da ESPM, Fábio Andrade, nas promessas do próprio Trump, irá ocorrer a maior de-

portação já vista na história dos EUA. "Durante o governo Trump, vimos crianças sendo presas, criança em cela, criança em jaula. Não tem porquê acreditar que será diferente. Então, existe aí uma diferença significativa entre eles. Ainda que a gente possa querer ver similaridades, as formas são completamente opostas", completou.

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS** No âmbito da política externa, o analista CNPI da Ouro Preto Investimentos, Sidney Lima, acredita que Harris deve ter uma abordagem mais cooperativa e multilateral, possivelmente fortalecendo as parcerias comerciais e ambientais com o Brasil. Do lado de Trump, o professor da ESPM acredita que haverá um esvaziamento de diversas organizações internacionais de cooperação, como a OMC, e qualquer outra que exigir reciprocidade dos EUA.

Desse ponto de vista há uma divisão clara, afirmou Igor Lucena. "Com ela, vai ser a continuidade dos apoios para Israel e Ucrânia e a manutenção da aliança atlântica entre a Europa e os EUA, algo que ficou muito claro e muito positivo desde o começo de Joe Biden, que reverteu a política isolacionista de Donald Trump. Agora, eu não sei o que aconteceria, de fato, com Trump, se ele vai insistir em isolar os EUA, até porque ele mesmo viu que isso não deu certo", apontou.

**AMBIENTAL** Sobre essa agenda, as candidaturas são extremamente opostas. Gestora pública e mestranda em políticas públicas, Gabi Sabino acredita que Harris deve expandir investimentos em energias renováveis e tecnologias verdes, mantendo o movimento de transição para uma economia sustentável. Andrade, da ESPM, lembrou que Trump retirou os EUA do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas e deve reforçar seu negacionismo em ações nesse sentido.

**RELAÇÕES COM BRASIL** Por ter ligações com as questões ambientais, Kamala deve dar apoio significativo nas questões climáticas, segundo Leandro Sobrinho, especialista em investimentos e sócio da Davila Finance. "Ao mesmo tempo, ela deve manter uma relação comercial neutra e estável com o Brasil. Trump vai focar no crescimento americano, e o Brasil, por sua vez, não está na mira de sobretaxação ou protecionismo por ele, pois não é visto como uma ameaça em nenhum segmento. Portanto, a relação tende a permanecer mútua e morna, sem impactos significativos."

Para Volnei Eyng, CEO da gestora Multiplike, Harris, sendo mais liberal, defende a maior proteção ambiental, uma agenda que se alinha mais com a do atual governo brasileiro. "A relação entre os países deve continuar amigável, mas não uma aliança, dado que o Brasil é um dos principais destinos dos investimentos chineses em infraestrutura, parte da iniciativa da Nova Rota da Seda de Pequim, vista como um risco à influência americana no continente", disse.

**DÓLAR** Uma vitória da ex-senadora pode ser vista de forma positiva pelos mercados emergentes, incluindo o Brasil, devido à sua postura sobre comércio internacional e cooperação multilateral, que pode favorecer a estabilidade econômica global, de acordo com André Colares, CEO da Smart House Investments. "O dólar pode estabilizar ou ter uma valorização moderada, considerando a continuidade das políticas econômicas democratas, que tendem a promover a confiança no ambiente político e econômico", disse. Já para Volnei Eyng, um governo Trump, com histórico de protecionismo e contra imigração, pode levar a um mercado de trabalho mais aquecido, inflação mais alta, juros maiores e um dólar mais forte, afirmou.

O avanço de Harris pode repercutir até no mercado imobiliário brasileiro, segundo o CEO da Swiss Capital, Alex Andrade, especialmente em relação ao dólar. "Com Harris, espera-se uma política econômica menos protecionista, o que pode resultar em uma menor valorização do dólar, que pode influenciar positivamente o mercado imobiliário brasileiro, tornando-o mais acessível para investidores estrangeiros, e reduzindo os custos de importação de materiais", completou. As cartas estão sendo colocadas na mesa. E o mundo acompanha atento casa jogada.



**DESPEDIDA FORÇADA**
Pressionado por financiadores e aliados, Joe Biden desistiu da candidatura à reeleição e endossou o nome da vice, Kamala Harris, para a disputa eleitoral

 FOTOS: SAUL LOEB

INÊS 249

# milk & mellow

gelato






ASSISTA AQUI A NOSSA PRODUÇÃO



APONTE SUA CÂMERA E PEÇA JÁ!



**WWW.MILKMELLOWGELATO.COM.BR**

**SIGA-NOS: @MILKMELLOWGELATO**

PEÇA NOSSAS DELÍCIAS PELO IFOOD



# COMO A REGULAÇÃO AFETA OS BANCOS?

Relatório exclusivo da Febraban mostra como as instituições estão se adaptando aos limites para aumento de juros em cheque especial e cartão, além das novas regras para crédito consignado

Jaqueline MENDES



 FOTO: FREEPIK I RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL I EDGAR KENDI HAYASHIDA I DIVULGAÇÃO

O aumento da pressão e fiscalização sobre bancos e instituições financeiras, principalmente na relação nem sempre republicana com os aposentados e tomadores de empréstimos consignados, parece estar dando certo – sem que haja uma interferência direta do governo. Um relatório da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), divulgado com exclusividade à DINHEIRO, mostra que no mês de abril deste ano houve um aumento nas sanções a correspondentes por irregularidades na concessão de crédito consignado. Foram aplicadas nove medidas administrativas: cinco advertências e quatro suspensões temporárias. Desde o início da vigência da chamada Autorregulação do Consignado, criada em março de 2020, foram aplicadas 1.340 medidas punitivas.

As sanções também se estendem aos agentes de crédito. Desde o início do monitoramento desses profissionais, em julho de 2023, 186 agentes foram penalizados devido a reclamações de clientes. Desses, 149 atingiram cinco pontos; 22 profissionais, dez pontos; nove agentes, 15 pontos; e seis alcançaram a pontuação máxima de 20 pontos, sendo suspensos por 12 meses.

Atualmente, 64 instituições financeiras participam da Autorregulação, representando cerca de 99% do volume total da carteira de crédito consignado no País. As regras se aplicam ao empréstimo e ao cartão consignado, visando proteger os direitos dos consumidores. O acompanhamento das ações irregulares é feito por diversas fontes de informação, refletindo as reclamações dos consumidores. As infrações podem resultar em multas para as instituições financeiras, variando de R$ 45 mil a R$ 1 milhão. Os valores arrecadados são destinados a projetos de educação financeira. "Os bancos seguem rigorosamente as regras da Autorregulação, punindo e suspendendo a atuação dos profissionais que operam de forma inadequada com o crédito consignado", afirmou Isaac Sidney, presidente da Febraban. "A continuidade das medidas administrativas reforça o compromisso do setor em assegurar um ambiente saudável e transparente aos consumidores."

Além das reclamações registradas nos canais internos dos bancos ou recebidas pelos Procons, pelo Banco Central ou pela plataforma Consumidor.Gov.Br, também são avaliadas as ações judiciais e os indicadores de conformidade de uma consultoria independente. Essa consultoria leva em conta questões de governança, política de relacionamento com o consumidor e gestão de dados. "A autorregulação do crédito consignado tem proporcionado uma resposta imediata e contundente contra os profissionais que agem de forma imprópria neste setor. Esta é uma ferramenta poderosa que as entidades de classe podem utilizar para combater práticas abusivas e preservar a credibilidade de uma das modalidades de crédito mais relevantes do mercado", disse Sílvia Scorsato, presidente da ABBC.



"A autorregulação tem dado respostas contundentes contra atitudes impróprias, e pode prevenir praticas abusivas"

**SILVIA SCORSAT**
PRESIDENTE DA ABBC



"Os bancos seguem rigorosamente as regras, punindo profissionais que operam de forma inadequeda"

**ISAAC SIDNEY**
PRESIDENTE DA FEBRABAN

Os consumidores podem verificar se o correspondente é certificado e está apto a oferecer crédito consignado em nome dos bancos, consultando a base de dados da Central de Registros de Certificados Profissionais pelo CPF do profissional.

**NÃO PERTUBE** Entre 2 de janeiro de 2020 e 27 de junho de 2024, foram feitas 4.682.036 solicitações de bloqueio de telefone na plataforma "Não me Perturbe", impedindo o recebimento de ligações de ofertas indesejadas de crédito consignado. A maioria dos pedidos partiu de consumidores da região Sudeste (53,38%), com 2.499.424 pedidos. A região Sul respondeu por 18,75% (877.723), seguida pelo Nordeste (14,54%) com 680.595 pedidos. Centro-Oeste e Norte representaram 9,70% (454.053) e 3,64% (170.241) dos pedidos, respectivamente. O estado de São Paulo liderou as queixas, com 1.397.664 pedidos de bloqueio, seguido por Minas Gerais (527.14.351) e Rio de Janeiro (469.155).

Os compromissos voluntários dos bancos são constantemente atualizados e aperfeiçoados para fortalecer a Autorregulação e proteger o consumidor. Para coibir ligações telefônicas indesejadas e o assédio comercial, os bancos participantes não remuneram os correspondentes em caso de novas operações em nome de consumidores que estão registrados ou desbloquearam seu número de telefone no "Não me Perturbe" há menos de 180 dias.




**VIGILANTE**
O BC tem um dos canais de denúncia mais eficiente contra práticas abusivas no sistema bancário




# INSCRIÇÕES ABERTAS

**A 21ª EDIÇÃO DO MAIS ABRANGENTE, CRITERIOSO E TRADICIONAL PRÊMIO CONCEDIDO PELA IMPRENSA ÀS EMPRESAS BRASILEIRAS JÁ ESTÁ NO AR**

 FOTO: CLAUDIO GATTI

O prêmio AS MELHORES DA DINHEIRO já abriu suas inscrições para selecionar as empresas campeãs de 2024. Será a 21ª edição do mais abrangente, criterioso e tradicional prêmio concedido pela imprensa às companhias que se destacaram em seus setores. Como ocorre anualmente, o resultado final será divulgado em número especial da ISTOÉ DINHEIRO, a principal e mais relevante publicação semanal de Economia, Negócios e Finanças do País. A distinção envolve várias etapas, com dados fornecidos pelas próprias companhias pela internet, e avalia a performance das empresas em cinco dimensões: Gestão em Governança Corporativa, Inovação e Qualidade, Recursos Humanos, Responsabilidade Social e Sustentabilidade Financeira. Em 2023, as contempladas em cada uma dessas áreas foram, respectivamente, a RD Raia Drogasil, Votorantim Cimentos, Cagece, JBS e Grupo CCR, que também foi escolhido Empresa do Ano.

No início da seleção, as empresas respondem questionários aplicados a três categorias principais: empresas, bancos e seguradoras. Nas inscrições, consta o responsável geral pelas informações e os responsáveis por cada uma das cinco partes do questionário. A definição das empresas finalistas é feita a partir da pontuação obtida nessas áreas, segundo algoritmo desenvolvido para este fim e gerido pela empresa de informática Rentsoft. Depois, o resultado é submetido ao Conselho Editorial. A data-base da avaliação é 31 de dezembro de 2023. No ano passado, 23 setores foram contemplados, incluindo Agronegócio, Alimentos, Bancos, Construção Imobiliária, Mineração, Siderurgia e Metalurgia, Papel e Celulose e Varejo.

O anuário da Editora Três é pioneiro em considerar, além de resultados financeiros, questões voltadas ao tema ESG, que valoriza a preocupação e engajamento dos líderes em contribuir para melhorias na sociedade, meio ambiente e governança. Desde o início da premiação, quando ainda não existia a denominação ESG, o questionário da MELHORES DA DINHEIRO já trazia temas voltados à responsabilidade social, ambiental e de governança. A metodologia do prêmio, consagrada, desenvolvida e acompanhada por consultores renomados, incorpora e valoriza as novas tendências. Na atual edição, foram incluídas questões que mobilizaram as companhias nos últimos anos, como atenção à diversidade e às novas tecnologias, como a Inteligência Artificial (IA). Para eleger as campeãs de cada segmento da economia, há pesos atribuídos aos diferentes aspectos da gestão.

Ao reconhecer e homenagear o desempenho e a excelência de gestão das empresas, a MELHORES DA DINHEIRO endossa o esforço delas para o desenvolvimento do País e reforça o compromisso da Editora Três com as companhias que já participam há duas décadas desse prêmio – entre as maiores do País –, além daquelas que participam pela primeira vez. As inscrições vão até o dia 15 de setembro e podem ser feitas pelo site asmelhoresdadinheiro.com.br. O resultado sai em outubro. 




**LEGADO**
O presidente-executivo da Editora Três, Caco Alzugaray, ao entregar os prêmios de AS MELHORES DA DINHEIRO na edição de 2021

## SEGMENTOS CONTEMPLADOS*

- AGRONEGÓCIO
- AGRONEGÓCIO/COOPERATIVAS
- AGRONEGÓCIO/USINAS
- ALIMENTOS
- BANCOS
- COMBUSTÍVEIS, ÓLEO E GÁS
- CONSTRUÇÃO IMOBILIÁRIA
- ELETRODOMÉSTICOS E ELETRÔNICOS
- FARMACÊUTICO, HIGIENE E LIMPEZA
- LOGÍSTICA
- MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
- MINERAÇÃO, SIDERURGIA E METALURGIA
- PAPEL E CELULOSE
- PLANOS DE SAÚDE
- QUÍMICO E PETROQUÍMICO
- SEGUROS E PREVIDÊNCIA
- SERVIÇOS ESPECIALIZADOS
- SERVIÇOS DE TRANSPORTE
- TECNOLOGIA, SOFTWARE E SERVIÇOS
- VAREJO
- VESTUÁRIO, TÊXTIL E CALÇADOS

*Na 20ª edição, de 2023. Pode haver modificações na atual edição, de acordo com as inscrições

INÊS 249



# AS VOZES DO BOM



INÊS 249

# SENSO DE LULA

## Fernando Haddad e Simone Tebet lideram o time que defende os cortes dentro do governo e anunciam R$ 15 bilhões de redução de gastos. Número, no entanto, precisará subir depois das eleições municipais

**Paula CRISTINA**

Na filosofia, o bom senso é um conceito usado na argumentação para destacar a capacidade média que uma pessoa tem, ou deveria ter, de se adequar à realidade, considerar suas consequências e, assim, fazer boas escolhas. Em geral, as pessoas têm o bom senso contaminado por interesses pessoais ou véus ideológicos, e suas decisões podem ter mais ou menos impacto na realidade, a depender de sua posição na sociedade. Quando falamos da figura do presidente da República, o bom senso pode ser completamente ofuscado por fatores externos, e é aí que precisa entrar no jogo a cúpula do governo, com a missão de reajustar a rota. Essa é a situação do jogo fiscal do Brasil de hoje. Lula elevou os gastos da máquina pública, investiu mais que seus antecessores e ampliou programas sociais, tudo enquanto a arrecadação cresceu, mas não no mesmo ritmo. Diante de tal disparidade, os ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e do Planejamento, Simone Tebet, precisaram ser as vozes do bom senso de Lula. Era contingenciar ou infringir a Lei de Responsabilidade Fiscal. E o fim do arcabouço.

FOTOS: WASHINGTON COSTA | RICARDO STUCKERT/PR | IGO ESTRELA

INÊS 249





**SIMONE TEBET**
ministra do Planejamento

**Quando os detalhes do contingenciamento e bloqueio serão divulgados?**
Na próxima semana. Conversamos muito com o presidente Lula e ele reforçou: expliquem. Detalhem. Não deixem nada de fora deoconhecimento do público. Quando a população entende o porquê, ela aceita que é o melhor para o Brasil. Vamos fazer isso.

**Foi difícil convencer o presidente Lula sobre o bloqueio?**
Não. Este é o meu trabalho, assim como o do ministro Fernando Haddad, de apresentar cenários e soluções. Foi o que fizemos, e não foi agora. Não foi na última semana, no último mês. Fazemos esse acompanhamento durante toda a gestão. Ele [o presidente] sabia da situação e estava disposto a encontrar a solução.

**Os cortes anunciados serão definitivos?**
Alguns cortes não vão ter retorno e, outros, a depender da receita ou da revisão de gastos ainda esse ano, poderão ser descontingenciados [descongelados]. O bloqueio é um pouco mais difícil, mas na questão de contingenciamento, a depender da receita, nós podemos estar falando em descontingenciamento. Isso é uma questão.

**Qual o principal problema dos gastos, hoje em dia, na sua opinião?**
O que precisamos ter claro é que o problema dos gastos do Brasil não é o fato de o pobre estar no Orçamento, mas os privilégios que os ricos acumulam. E isso precisa ser checado ponto a ponto e fazer uma análise simples: quando renunciamos a alguma forma de receita, ela retorna da mesma forma em políticas que atendam o interesse coletivo?

**Mas a senhora falou também sobre revisão dos benefícios sociais...**
Eu quero deixar muito claro que dentro dos R$ 25 bilhões [previstos para o ano que vem] nós temos políticas públicas importantes para o governo. E não estamos descontinuando o Bolsa Família, de forma alguma. Nós estamos atacando a eficiência desse gasto, um olhar atento para onde, para quem e o porquê de cada gasto. Isso faz parte, é do jogo e melhora para todos.

Em um primeiro momento, a decisão foi segurar R$ 15 bilhões do Orçamento, cifra que joga o déficit para 2024 em R$ 28,8 bilhões, o limite para fechar as contas. A expectativa do mercado, no entanto, é que sejam necessários mais R$ 15 bilhões para garantir o cumprimento das regras. Tebet afirmou que o corte foi racional e lógico e que vai acontecer sempre que precisar, e com a anuência de Lula. "A regra é uma só, não podemos gastar mais do que arrecadamos, porque, na ponta, é a população que paga o preço", disse.

Sem detalhar os parâmetros e ministérios que serão atingidos pelo corte, a ministra explicou que o bloqueio será de R$ 11,2 bilhões, decorrentes de aumento em despesas obrigatórias, enquanto a limitação de empenho (contingenciamento) será de R$ 3,8 bilhões. E isso será obtido através de um, segundo ela, esforço conjunto entre as pastas e políticas públicas. "Também haverá uma avaliação dos programas sociais, mas não é o foco da revisão", disse. Nesse sentido, a ministra afirmou que o privilégio dos ricos é que será atacado nessa revisão racional de gastos. "Precisamos checar se o que renunciamos em arrecadação vêm na mesma proporção em políticas que atendam o interesse coletivo", afirmou. De acordo com ela, as renúncias fiscais no Brasil estão na casa dos R$ 615 bilhões, quase quatro vezes mais que o

**PINGOS N**



**Afinal, o que é contingenciamento e bloqueio?**

**CONTINGENCIAMENTO**
Quando há frustração de arrecadação, como a desoneração da folha

**BLOQUEIO**
Quando há crescimento das despesas obrigatórias, como a Previdência

Ao todo, o governo irá contingenciar
**R$ 15 BILHÕES**

Fonte: Relatório Bimestral de Despesas.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

orçamento do Bolsa Família (R$ 160 bilhões). Outra frente que a ministra diz focar é na qualidade dos gastos envolvendo políticas públicas. "Desde o INSS, passando pelo BPC, pelo seguro-defeso, Pró-agro. Não queremos cortar. Queremos avaliar se há erros, fraudes ou irregularidades, porque a gente teve uma pandemia que bagunçou um pouco as políticas públicas." Com tudo isso, o plano da ministra é entregar, para 2025, um corte de R$ 25 bilhões que já será incluído no Projeto de Diretrizes Orçamentárias do ano que vem.

A contenção deste ano foi confirmada e balizada pelo secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron. Ele afirmou que há um alinhamento dentro do governo sobre a necessidade dos bloqueios, em uma espécie de compromisso conjunto. "Os limites de despesas serão rigorosamente observados. O caminho continua sendo o da responsabilidade fiscal", disse. Na segunda-feira (22), ele divulgou o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do terceiro bimestre de 2024 e afirmou que, apesar do corte, há um ambiente econômico doméstico saudável, o que dá mais tranquilidade na contenção dos gastos. "Há o aumento da massa salarial, inflação controlada e, principalmente, a manutenção da confiança dos agentes sobre a capacidade do governo de cumprir as metas fiscais." O governo também

S NOS IS

**Qual o peso do contingenciamento, quando comparado a outros gastos do governo federal?**



do Bolsa Família (R$ 168,6 bilhões)



do Minha Casa, Minha Vida (R$ 105 bilhões)



do PAC (R$ 54 bilhões)


**2,6 vezes** o orçamento do Ministério da Cultura


**28 vezes** o orçamento do Ministério dos Direitos Humanos


**32 vezes** o orçamento do Ministério das Mulheres

O orçamento contingenciado é maior que o valor destinado para **19** dos **38** ministérios



**ESTHER DWECK**
ministra de Gestão e Inovação

**Como seu ministério pode ajudar no contingenciamento?**
Queremos garantir que as políticas públicas estejam atendendo quem precisa e nesse ponto um bom trabalho de gestão, de análise e de eficiência é primordial.

**E esse processo precisa ser contínuo, certo?**
A importância não se limita à sua atuação nos momentos de crises agudas. O Estado, como desenvolvimento, é um projeto de longo prazo. Não pode ser ligado ou desligado com um apertar no botão. Nosso ministério trabalha para que as mudanças sejam feitas e a crises superadas, mas os benefícios continuem. Não é sobre governo, é sobre Estado.

**Com o tamanho do Estado brasileiro, como garantir mais eficiência com menos custo?**
Temos dois desafios importantes. O primeiro é um fortalecimento concreto das capacidades estatais, e isso não é só no Brasil. O segundo desafio é reimaginar o desenho das capacidades estatais necessárias para o enfrentamento dos novos desafios contemporâneos e emergentes. Entender a realidade, adaptar-se a ela e não ter medo de mudar. A máquina pública de hoje não pode ser mais a mesma de 20 anos atrás.

**Por isso é tão importante a Reforma Administrativa, por que ela não avança?**
A reforma administrativa que está no Congresso [PEC 32]tem um foco punitivista, foco na redução do Estado, no fim da estabilidade do servidor público. São pontos com que o governo do presidente Lula e o Ministério da Gestão discordam absolutamente. Ali era um foco puramente fiscal.

**Mas também é uma questão fiscal. Qual seria a solução?**
Temos adotado medidas para corrigir distorções em várias categorias do serviço público. Nossa lógica é a de reajustes menores para níveis iniciais e novos critérios para a progressão. A reforma que nós pensamos é dividida em três eixos: funcionalismo (com incentivo e avaliação de desempenho); digitalização (com a progressão dos serviços digitais e redução de cargos); e estrutura (com um projeto de Lei que reformule a organização da máquina federal).

conta com o "empoçamento" de recursos nos ministérios — ou seja, recursos previstos no Orçamento, mas que não são executados e acabam "sobrando". Segundo Ceron, esse valor costuma girar em torno de R$ 20 bilhões. Todos esses fatores reduziriam o rombo nas contas públicas, afirma o secretário.

Já o secretário da Receita Federal do Brasil, Robinson Barreirinhas, questionado sobre o motivo de a arrecadação não estar sustentando o aumento dos gastos, afirmou que a receita tem ido bem, mas só a desoneração da folha de pagamento resultou em uma renúncia de R$ 5,2 bilhões em arrecadação no terceiro bimestre. Ele antecipou ainda que, em junho, houve um crescimento nominal de 15,72% na arrecadação, e 11,2% já descontada a inflação, na comparação com junho do ano passado. No acumulado de janeiro a junho, houve crescimento nominal de 13,6% e real de 9,08% em relação ao mesmo período do ano passado. "As receitas atingiram as metas previstas em junho. A arrecadação foi boa. O problema foi a frustração das receitas com renúncias fiscais", disse.

**NEM TUDO SÃO FLORES** Ainda que o governo tente colocar a narrativa de que tudo está indo bem, alguns fatores crônicos foram determinantes para o aumento das despesas obrigatórias. Os principais envolveram os Benefícios de Prestação Continuada (BPC) e benefícios previdenciários. No caso do BPC (dotação prevista de R$ 111,5 bilhões para o ano), a alta de R$ 6,4 bilhões decorre principalmente do aumento nos quantitativos de benefícios concedidos face ao Programa de Enfrentamento à Fila da Previdência Social (PEFPS), bem como do aumento da quantidade de requerimentos novos e analisados. Sobre os benefícios previdenciários (dotação prevista de R$ 927 bilhões), a elevação de R$ 4,9 bilhões é justificada pelo fato de as despesas dos últimos dois meses terem sido executadas acima do previsto inicialmente, em decorrência de mudanças de fluxos internos e comportamentos inesperados de entrada de pedidos.



**"Os limites de despesas serão rigorosamente observados. O caminho continua sendo o da responsabilidade fiscal"**

**ROGÉRIO CERON**
SECRETÁRIO DO TESOURO



**OLHAR DO CONGRESSO**
Aos deputados e senadores cabem aprovar o Orçamento de 2025 que, segundo Tebet, terá uma redução de gastos de R$ 25 bilhões

Tais questões, inclusive, indicam um problema crônico e de difícil condução, e que atravessa governos. Para Sérgio Freitas Diniz, que foi secretário do Orçamento do governo Michel Temer, já havia, durante o desenho da reforma da Previdência, a indicação de que as métricas precisariam ser revistas de cinco em cinco anos. "O envelhecimento da população, as mudanças nas relações de trabalho, tudo isso torna o custo praticamente inexequível de tempos em tempos", afirmou.

Outro ponto de atenção nas contas do governo, no entendimento de Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos, são as receitas estimadas. De acordo com ele, a arrecadação projetada no relatório está superestimada. "A receita projetada ainda está bastante inflada, com uma alta real acima da inflação de 9,6%", disse ele. A previsão da Warren é uma alta real de 8,2%, exigindo cautela e ajustes adicionais do governo. A perspectiva do economista é que novos cortes precisarão ser feitos ao longo do mandato de Lula. "Não há mágica", disse. Além disso, soluções como revisão de indexações e vinculações também são caminhos importantes a serem tomados, além de uma revisão estrutural de privilégios e tamanho do Estado.

Sobre este tema, a ministra de Gestão e Inovação, Esther Dweck, afirmou à DINHEIRO que em um primeiro momento o objetivo é verificar onde falta eficiência no gasto do setor público e reavaliar o sen-

 FOTOS: RODRIGO VIANA/SENADO FEDERAL | JOÉDSON ALVES/AG. BRASIL | DIVULGAÇÃO



tido de cada um deles. “Em um segundo momento, no plano maior, precisamos olhar o papel, o tamanho e a eficiência do Estado enquanto máquina de serviço público”, disse ela. Entre as medidas, a digitalização de serviços e o uso da tecnologia em áreas mais analógicas é capaz de reduzir os gastos. “Esse é um caminho natural e que precisa ser pensado não apenas em momentos de crise, mas como política pública de longo prazo”, afirmou.

**AÇÃO E REAÇÃO** Segundo o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, toda decisão de corte tem um peso grande e, apesar de duras, são relevantes para o andamento da governabilidade. “A Receita fez um grande apanhado do que aconteceu nesses seis meses. O mesmo aconteceu com o [Ministério do] Planejamento. Não foi uma decisão fácil, mas o Arcabouço Fiscal está de pé, e assim vai continuar”, disse. Mesmo com todo o esforço, o rombo em 2024 deve ficar em R$ 28,8 bilhões, no limite da meta das contas públicas, prevista na âncora criada pelo PT.

A movimentação do governo em torno do controle de gastos vem na esteira de semanas turbulentas para a equipe econômica de Lula, que viu o dólar disparar no último mês a cada manifestação do presidente relacionada à política fiscal.

A interpretação do mercado era de que o governo não estaria se comprometendo com o controle das contas. A situação também ajudou a empurrar o real para o grupo das cinco moedas que mais perderam valor frente ao dólar em 2024. A lógica é simples: se os gastos do governo se descontrolam, investidores passam a duvidar da capacidade do país em honrar suas dívidas. Na prática, o resultado é a fuga de dólares do Brasil para o exterior, o que torna a moeda mais escassa por aqui — e, assim, mais cara.

No entendimento de Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, os últimos presidentes tiveram que contingenciar, ao ano, entre R$ 25 bilhões e R$ 35 bilhões. “Acredito que, passando a eleição municipal, o governo precise anunciar mais R$ 15 bilhões em contingenciamento”, afirmou. Na ponta do lápis, o governo precisa de R$ 62 bilhões até o final do ano para fechar as contas, mas há expectativa de receitas extraordinárias, como pagamentos judiciais e venda de ativos, que ajudam a compensar o buraco. Para Agostini, no entanto, é preciso cautela ao contar com isso. “Não se pode apostar alto demais na receita extraordinária, nem tanto no pente-fino. O mais certo sempre é o corte.”

De acordo com Simone Tebet, o exercício do contingenciamento é cansativo, mas necessário. “Um país que por anos seguidos gasta mais do que arrecada compromete juros, inflação e dólar. Isso significa custo de vida mais caro para as pessoas”, disse. “Sabemos o que é preciso fazer: gastar menos do que arrecadamos, essa é a determinação de Lula, e é isso que estamos fazendo.” Segundo ela, “parece uma conta matemática simples, mas não é”. E por isso serão apresentados à população os detalhes da equação para o corte. A afirmação comprova a teoria do matemático húngaro George Pólya (1887-1985) que, amparado pelo bom senso, dizia que “a matemática consiste em provar a coisa mais óbvia do mundo, de modo menos óbvio”. E é isso que o governo precisa fazer agora. S



**CAMINHO DAS OBRAS**
Governo afirma que recursos do ‘Minha Casa, Minha Vida’ serão mantidos mesmo com os cortes previstos

INÊS 249



Com aposta certeira no mercado paulistano, em seu sistema construtivo e no Minha Casa, Minha Vida, a Plano&Plano avança ano após ano e nada de braçada na média e baixa renda

# UM PLANO DE SU

Allan RAVAGNANI



FOTO: CLAUDIO GATTI

INÊS 249




**VISÃO DE FUTURO**
O CEO Rodrigo Von na nova sede da companhia, no Butantã, às margens do Rio Pinheiros, de onde pode ter um olhar mais amplo da cidade de São Paulo

Rodrigo Von sempre foi obstinado. Na infância, queria ser o melhor aluno da escola, era competitivo nos esportes e dava o melhor de si em tudo o que fazia. Após formado, estava constantemente insatisfeito com seus salários e a falta de valorização de seus empregadores. "Um belo dia a ficha caiu", disse ele, que foi trabalhar por conta própria fazendo reformas, carregando cimento no carro, atuando em serviços de encanador e negociações com os donos das obras. Foi ao longo dessa jornada que Von teve outra virada de chave em sua vida. Mais precisamente quando seu caminho se cruzou com o de Rodrigo Luna, que havia acabado de criar uma empresa de serviços de engenharia e, juntos, fundaram a Plano&Plano, em 1997, para construir casas.

Ao longo desses 27 anos, a construtora cresceu, passou a construir prédios, recebeu investimento da Cyrela – que hoje é dona de 33% da empresa –, ganhou prêmios de engenharia, abriu o capital na bolsa, fundou um instituto e acertou, na mosca, seu público-alvo. Hoje, a Plano&Plano atua majoritariamente na Grande São Paulo, para o segmento de média e baixa renda, em bairros estrategicamente escolhidos com boa infraestrutura de transporte e tem 75% de seu valor geral de vendas proveniente de construções para o programa Minha Casa Minha Vida, do governo federal.

Em uma tarde de julho, o presidente da companhia, Rodrigo Von, e o diretor financeiro, João Hopp, receberam a equipe da DINHEIRO para uma conversa sobre a empresa, o instituto e perspectivas para o futuro da companhia. "A empresa está bombando, acelerando, desde 2020 [data do IPO] só evoluiu, na governança, nas relações, em crescimento econômico, mas junto com isso também estamos tendo muito mais trabalho para seguir no caminho certo", afirmou o CEO. "Vamos ter um 2024 melhor do que 2023", disse Von. Não é pouco.

O ano de 2023 foi considerado um marco para a companhia, com resultados operacionais e financeiros sem precedentes. Foram R$ 3,5 bilhões em lançamentos, 85% acima do ano de 2022, e R$ 3,07 bilhões em vendas líquidas, alta de 81% ante o ano anterior. Foi também em 2023 que o Minha Casa elevou o teto de R$ 264 mil para R$ 350 mil, enquadrando novos clientes. Foi também em 2023 que a construtora anunciou a contratação de 3.640 unidades do programa habitacional "Pode Entrar", da prefeitura de São Paulo, que correspondem a um VGV de R$ 566 milhões.



**LUXO SIM, POR QUE NÃO?** Os empreendimentos da Plano&Plano são planejados para terem conforto e uma boa área de convivência, com piscina, churrasqueira e varanda

A projeção de Von – lembrando que a companhia não divulga guidance – parece estar se concretizando. No segundo trimestre de 2024, a Plano&Plano atingiu volume recorde de 11 lançamentos para o mercado privado, totalizando um VGV de R$ 1,06 bilhão, incluindo permuta física, um aumento de 80,7% em relação ao mesmo período de 2023. O tíquete médio também aumentou, de R$ 222 mil para R$ 230 mil. As vendas avançaram 37,7% e o indicador de Vendas Sobre Oferta (VSO) foi de 56%, um acréscimo de 6,8 pontos percentuais na comparação anual. No primeiro semestre deste ano, o estoque de terrenos da construtora tinha um potencial de vendas de R$ 17,8 bilhões, em uma área de 977 mil metros quadrados. Ao longo do segundo trimestre, a companhia comprou sete novos terrenos em São Paulo. O total de canteiros sob gestão da empresa era de 57, com 25.173 unidades em construção até o final de junho.

O diretor financeiro João Hopp afirmou que o setor de construção civil como um todo sofreu depois da pandemia, diante dos saltos da inflação e no custo dos insumos para construção, ruptura de fornecimento, mas que, no entanto, houve uma ressignificação do conceito de casa própria. “Com a inflação, muita gente acabou sendo desenquadrada do perfil do Minha Casa, Minha Vida, então o ajuste feito pelo governo em 2023 foram super importantes e deram uma dinâmica muito boa, aumentando a demanda”, disse. A Plano&Plano tem 75% de seu VGV em obras do Minha Casa.

**AMOR PAULISTANO** Segundo Von, somente em São Paulo há um déficit habitacional de 400 mil unidades, um enorme espaço para crescimento. “O mercado paulistano está extremamente aquecido, uma demanda que cresce junto com o que eu consigo produzir. E nós estamos vendo com muito bons olhos o Minha Casa, que tem uma grande particularidade, que é não ser impactado diretamente pela movimentação da taxa Selic. O programa tem os juros dele, de 4,5% a 8%, financiado pela Caixa, então temos uma certa estabilidade nesse segmento”, apontou.

A história da construtora com São Paulo é sólida, 95% das obras estão na capital paulista. A construtora tem alguns terrenos na região metropolitana e chegaram a atuar fora da cidade até 2015, quando mudaram a estratégia e focaram na cidade. “Nós conhecemos muito bem esse mercado, a cidade tem uma população muito grande com carteira assinada. Além disso, temos duas décadas empreendendo aqui, o que nos dá uma vantagem competitiva. Conhecemos a história, os bairros, as ruas, os desejos dos clientes além de termos nossa própria técnica construtiva”, disse Von.

**TERRENOS** A Plano&Plano é uma empresa asset light, leve em ativos, que vem nos últimos 27 anos adquirindo seus terrenos na base da permuta, segundo os executivos, a empresa está acostumada a comprar os terrenos para pagar no futuro, com isso seu landbank de R$ 17 bilhões, garante mais quatro anos de obras para a empre-

**SUPERAR OS NÚMEROS DE 2023 NÃO SERÁ TAREFA FÁCIL, FOI O MELHOR ANO DA HISTÓRIA DA PLANO&PLANO, MAS A CONVICÇÃO DOS EXECUTIVOS É DE QUE OS RESULTADOS DE 2024 SERÃO AINDA MELHORES**

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

INÊS 249

sa. Sobre a questão da valorização imobiliária e da nova Lei de Zoneamentos da capital, disseram que não estão tendo nenhum problema na compra dos terrenos. “A briga maior está com as empresas de média e de alta renda, que querem os locais mais disputados, nós não, a gente procura terrenos próximos de grandes eixos de transporte que facilita a vida do morador e atrai um grande público interessado, nosso business começa no terreno”, disse Hopp.

O segundo desafio das construtoras seria o financiamento, mas segundo Hopp, o dinheiro do Fundo de Garantia (FGTS), que estava previsto para R$ 80 a R$ 90 bilhões, pode ser expandido para até R$ 125 bilhões, segundo promessas. “Não teremos problemas de funding para 2024”, afirmou o diretor financeiro. Em relação à parcela de 20% a 25% dos clientes do segmento de média e alta renda, a taxa Selic em alta traz algum impacto para a companhia, com a taxa em 10,50% ao ano.

No entanto, segundo os executivos, as mudanças recentes no sistema de habitação, não só no Minha Casa, impulsionaram os negócios da empresa. “A Plano&Plano tinha foco nas faixas 2 e 3 do MCMV, porque a renda estava melhor enquadrada, mas depois das mudanças nas regras, com a implementação da faixa 1 urbana ficou muito mais viável, que trouxe famílias com renda mensal de R$ 2.640, além do FGTS Futuro, teto de R$ 350 mil e do Regime de Tributação 1 (RET1) [modalidade tributária aplicada no setor imobiliário, para a simplificar e reduzir a carga tributária de incorporadoras e construtoras, unificando quatro tributos (IRPJ, CSLL, COFINS e PIS) em um imposto].

**EFICIÊNCIA** Não são só os incentivos que constroem uma história de sucesso. Segundo Rodrigo Von, que tem orgulho de sua formação de engenheiro, a eficiência da Plano&Plano é um de seus maiores diferenciais. “Não é fácil você construir um prédio de 25 andares, com tíquete de R$ 190 mil, e ainda ter rentabilidade”, afirmou. De acordo com ele, um incorporador comum compra um terreno, faz o projeto com um arquiteto e só chama o engenheiro para dar o preço da obra. “Com a gente é quase o contrário, a engenharia determina qual é a planta mais eficiente, com custo de construção mais enxuto possível, e depois entregamos para a incorporação colocar uma maquiagem no projeto”, completou. Para o engenheiro, se o projeto nasce errado, há uma enorme dificuldade de recuperar o prejuízo. “Tem que ser o contrário, a gente nasceu como empresa de engenharia, prestando serviço, a gente precisava ganhar concorrências, de forma que hoje nós somos uma das construtoras que mais entende de alvenaria estrutural do País”, finalizou.



**BEM LOCALIZADOS** Fora das áreas mais nobres da São Paulo, os edifícios estão sempre próximos de grandes eixos de transporte e em bairros bem estruturados

## MINHA CASA BATE RECORDE

Em 2023, 492 mil famílias foram beneficiadas pelo programa Minha Casa, Minha Vida, número 28% maior na comparação com 2022. Esse avanço, que superou o recorde anterior de 462 mil imóveis financiados em 2015, será divulgado no balanço de 2023 na próxima reunião do conselho do FGTS, em 17 de setembro. As incorporadoras listadas na Bolsa, envolvidas no programa, também tiveram vendas recordes no segundo trimestre de 2024. Cury, Direcional, MRV e Plano & Plano alcançaram altos volumes de vendas entre abril e junho, conforme as prévias operacionais, impulsionadas pelos incentivos do governo federal e dos estados. A Tenda, apesar de não ter atingido novos recordes, também apresentou aumento significativo nas vendas. No total, essas cinco incorporadoras somaram vendas líquidas de R$ 7,2 bilhões no segundo trimestre de 2024, um crescimento de 33,4% em comparação ao mesmo período de 2023. Além disso, todas as empresas aceleraram o lançamento de novos projetos, avaliados em R$ 7,1 bilhões, aumento de 31,8%.

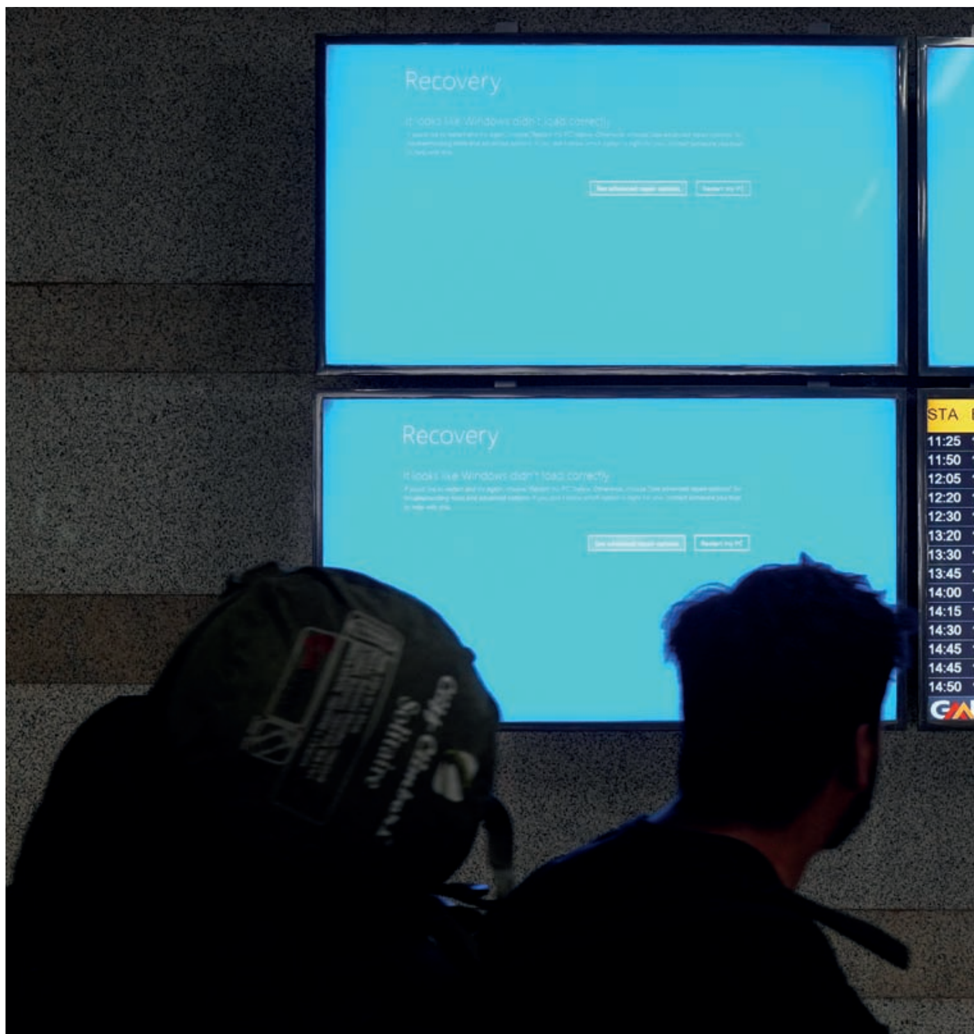
INÊS 249



# MUNDO EM TELA AZUL

Conferir o aplicativo do banco, embarcar em um voo, assistir televisão e passar por consultas médicas são atividades comuns no dia a dia de muitas pessoas ao redor do mundo. De repente, tela azul. Os sistemas dos serviços financeiros e de saúde estão fora do ar, a TV não tem sinal e não dá para fazer check-in on-line ou conferir seu voo no telão do aeroporto. Foi o que aconteceu na sexta-feira (19). E não foi um ataque terrorista, nem uma elaborada ação de hackers. Como um daqueles eventos raros e inesperados que desafiam os modelos de risco, 8,5 milhões de dispositivos com o sistema operacional Windows, da Microsoft, foram afetados depois de uma atualização malfeita do mecanismo de proteção dinâmica chamado Falcon, da empresa de cibersegurança CrowdStrike. Segundo a companhia, o problema durou um pouco mais de uma hora. Mas foi tempo suficiente para a paralisação e perdas bilionárias de empresas e pessoas mundo afora. As corporações norte-americanas que integram a lista da Fortune 500, exceto a Microsoft, enfrentarão US$ 5,4 bilhões em perdas financeiras decorrentes da falha, afirmou a seguradora Parametrix. É o pior apagão cibernético da história — até aqui, ressalta-se — e deve reconfigurar o mundo dos negócios.

Em 2017, companhias como FedEx e Honda sofreram com o ataque de ransomware WannaCry. Foram mais de 200 mil computadores atingidos em 150 países. Dessa vez, foi muito maior e de uma forma diferente: por erro humano, mais possivelmente. E a busca por soluções para evitar outros estragos do tipo é justamente a tecnologia, que deve ser aprimorada para mitigar os efeitos de eventuais quedas em massa. “Estamos caminhando a passos largos para uma dependência tecnológica cada vez maior, com evoluções positivas”, disse à DINHEIRO Luis Matos, professor da Faculdade de Informática e Administração Paulista (Fiap). O incidente jogou luz sob a interconectividade de um amplo ecossistema, que engloba provedores de nuvem, plataformas de software, fornecedores de segurança e clientes. A Microsoft afirmou em comunicado que “é também um lembrete do quão importante é para todos nós, em todo o ecossistema tecnológico, priorizar a operação com implantação segura e recuperação de desastre utilizando os mecanismos que existem”.




**CAOS AÉREO**
A pane provocou atraso de 43 mil voos, além do cancelamento de outros 4,6 mil

Compreender a interconectividade do ecossistema é um ponto de partida crucial, mas não é o único aspecto a ser considerado

 FOTOS: AMARJEET KUMAR SINGH/AFP | DIVULGAÇÃO

# Apagão cibernético causa perdas bilionárias a empresas e requer reconfiguração de estratégias do mercado. Qual o tamanho da vulnerabilidade tecnológica?

**Letícia FRANCO**




pelas empresas para evitar apagões generalizados. Fato é que não dá para falar sobre mercado de tecnologia sem levar em conta a sua alta concentração. Os maiores serviços de computação em nuvem estão nas mãos de duas big techs majoritariamente: a Amazon e a Microsoft. Os dois principais sistemas operacionais de smartphones pertencem a Google e Apple. E o que todas as empresas têm em comum? Suas raízes norte-americanas. No caso das nuvens públicas, como Microsoft Azure e Amazon Web Service (AMS), elas tendem a crescer ainda mais com a Inteligência Artificial. Para Claudinei Elias, CEO da Ambipar ESG e especialista em cibersegurança, o caminho é segregar os riscos. "É preciso materializar os riscos e os planos de continuidade. Hospedar um ambiente operacional em uma nuvem e a recuperação em outra, pode descentralizar a dependência", afirmou.

**EFEITOS** Globalmente, a pane registrada na sexta-feira (19) provocou atraso de 42 mil voos e os cancelamentos de outros 4,6 mil. As companhias norte-americanas Delta Air Lines e a United Airlines estão entre as mais atingidas. Assim como os serviços de telecomunicação, saúde e financeiro do país. No Brasil, sistemas e operações também foram afetados. Em decorrência disso, foram registrados atrasos em voos da Azul, instabilidade na plataforma de bancos e fintechs, como Bradesco, queda do site do STF, problemas nas distribuidoras de energia elétrica, entre outras celeumas. Os efeitos no Brasil foram em menor escala devido à capilaridade e ao fuso horário, segundo os especialistas. Era madrugada no País quando a pane aconteceu. O futuro é interconectado. Embora tenhamos otimizações e avanços, essa jornada inclui bugs. Inevitáveis, por vezes. É preciso se preparar para sobreviver.

**5,4**
BILHÕES DE DÓLARES EM PERDAS FINANCEIRAS DECORRENTES DA FALHA

**8,5**
MILHÕES DE DISPOSITIVOS FORAM AFETADOS AO REDOR DO MUNDO




**ESTRATÉGIAS** Luis Matos, professor da Fiap, (à esq.) e Claudinei Elias, CEO da Ambipar ESG (à dir.) avaliam dependência tecnológica e como as empresas devem se preparar

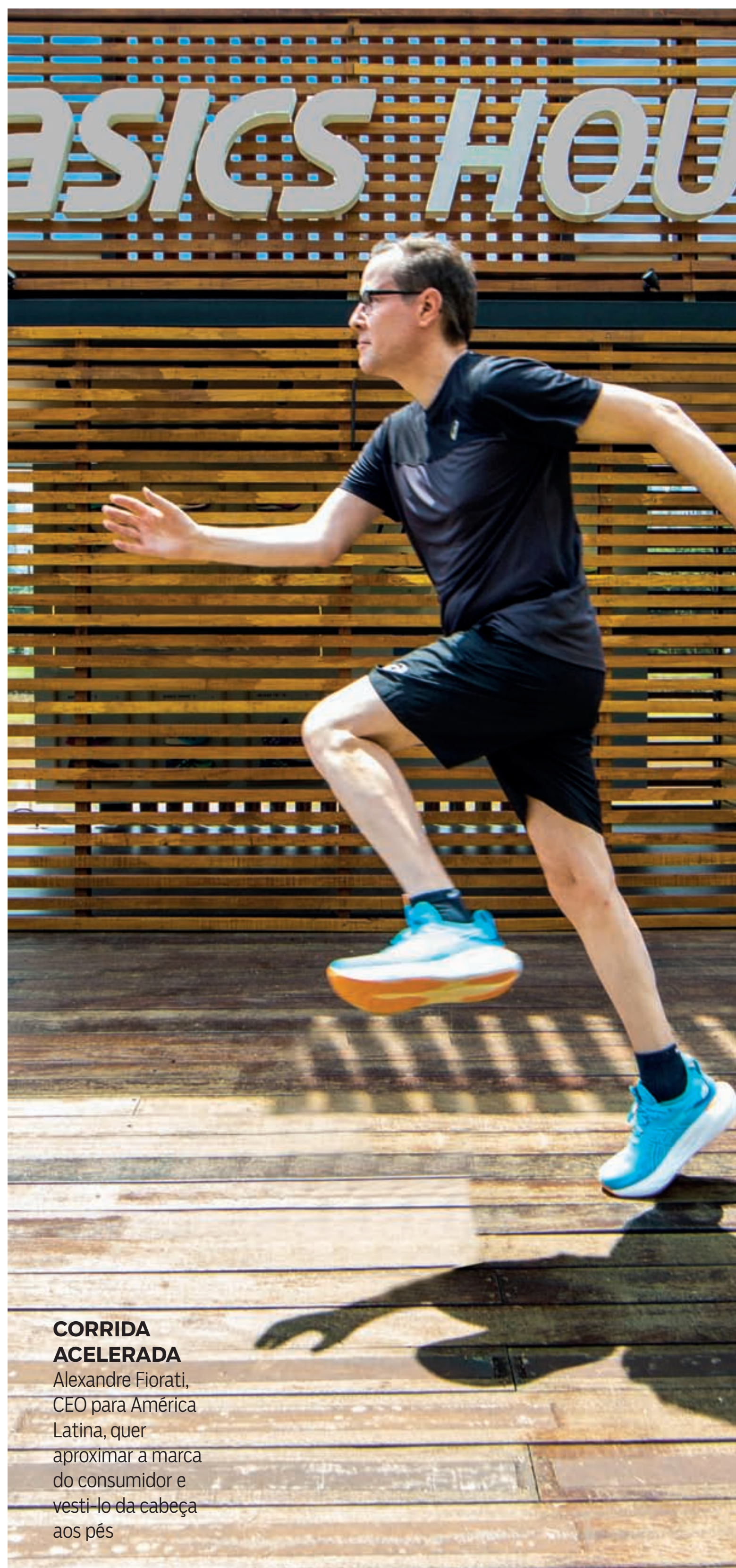
INÊS 249



# MENTE SÃ, CORPO SÃO, RESULTADO RECORDE

## Asics dobra receita na América Latina, puxada pelo Brasil, e registra faturamento histórico de US$ 3,7 bilhões. Estratégia é aumentar o ponto de contato com o consumidor além da venda

**Beto SILVA**




**CORRIDA ACELERADA**
Alexandre Fiorati, CEO para América Latina, quer aproximar a marca do consumidor e vesti-lo da cabeça aos pés

Quando o presidente da Asics na América Latina, Alexandre Fiorati, vai para a sede da companhia, na cidade de Kobe, no Japão, ele leva na bagagem um presente para Yasuhito Hirota, CEO global da empresa: um tênis da marca inspirado no piloto Ayrton Senna. Os quatro modelos lançados, inspirados na carreira do ídolo brasileiro, estão expostos no museu da Asics, localizado em sua sede, no sexto maior município japonês. Ao lado dos calçados, uma sapatilha usada pelo tricampeão mundial de Fórmula 1, sendo os três títulos conquistados justamente no Japão. Essa conexão da Asics com o Brasil avança também aos negócios. O País puxa os resultados da empresa na América Latina e contribui para o faturamento global, que fechou 2023 em US$ 3,718 bilhões, o melhor resultado da história da fabricante de produtos esportivos. "Nós praticamente dobramos de tamanho na região nos últimos cinco anos e continuamos em crescimento", afirmou Fiorati à DINHEIRO no escritório da empresa em São Paulo, de onde

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

INÊS 249




ele comanda as ações latino-americanas.

Muitas outras iniciativas fortalecem a ligação da Asics com o Brasil. Uma das mais recentes é o patrocínio multianual à tenista brasileira Bia Haddad, que passa a usar tênis e roupas da marca no circuito mundial. Ela usa o tênis GEL-Resolution e tem participado do desenvolvimento da renovação do modelo para em 2025. Bia, inclusive, é um dos 250 atletas apoiados pela marca que participam da Olimpíada de Paris 2024. Desses, dez são brasileiros, entre as modalidades olímpicas e paralímpicas. A Paralimpíada, aliás, e outro fator que mostra a importância do Brasil para a Asics. A companhia patrocina apenas dois Comitês Paralímpicos no mundo: o japonês e o brasileiro.

A atenção da empresa ao Brasil ocorre pelos resultados que o País entrega nos negócios. Das 23 lojas próprias da Asics na América Latina, 16 estão aqui. A última delas inaugurada no Shopping Ibirapuera, na capital paulista. As outras unidades estão distribuídas. São quatro no Chile, duas na Colômbia e uma na Argentina. "Se tudo ocorrer bem vamos abrir mais no segundo semestre", disse Fiorati.

Além dos pontos de venda proprietários, a Asics tem importante parceria com a Centauro no Brasil. O acordo visa uma distribuição mais abrangente dos produtos da marca no mercado nacional. "Conseguimos uma capilaridade melhor para nossa linha de vestuário. Estamos conversando com o corredor mais diretamente, e as lojas também ajudam no aumento do conceito *head to toe*, ou seja, Asics da cabeça aos pés", apontou o presidente da Asics, ao citar uma das quatro vertentes de negócios da empresa. Além de Performance Running, com seus tênis que lideram o share do setor – "75% do nosso negócio da região", disse o executivo –, e do vestuário, também tem o Sport Style (onde entram as roupas e os calçados casuais) e também tem o Core Performance Sports (CPS, em que está incluído modalidades como tênis, handebol e vôlei). "É uma busca constante por conhecimento de marca nesses pilares", disse Fiorati, ao destacar que o investimento em marketing dobrou nos últimos anos na América Latina.

**75%**

É A FATIA QUE A LINHA DE TÊNIS DE CORRIDA REPRESENTA DAS VENDAS TOTAIS DA ASICS NA AMÉRICA LATINA

Para facilitar o acesso do consumidor a mais e melhores produtos da Asics no varejo multimarcas, a empresa trabalha o conceito de aproximação ao cliente em mais pontos de contato. Nessa estratégia, entram ações como a realização de corridas de rua com o circuito Asics Golden Run, parceria com a Senna Racing Day e iniciativas no Parque Linear Bruno Covas, como a Asics House, de apoio a corredores, profissionais e amadores.

Concomitantemente, a ampliação de portfólio de calçados, com cada vez mais tecnologia e inovação. No Asics Brand Day, realizado em maio, em São Paulo, foram apresentados os lançamentos Metaspeed Sky, Edge Paris, Novablast 4 e o GEL-Nimbus 26, além de produtos da categoria skate como o GEL-Vickka Pro, GEL-Splyte e o GEL-Flexkee Pro 2.0, e os clássicos da marca GEL-Kayano 14, o Japan S e o GEL-Quantum 360. Para o segundo semestre, chegam o Superblast 2, Kayano 31, Magicspeed e Novablast 5. E no primeiro semestre do ano que vem vai ter o GEL-Nimbus 27, o carro-chefe da marca.

Assim, a Asics, cujo nome é um acrônimo de 'Anima Sana In Corpore Sano', segue com a filosofia de 'mente sã, corpo são'. E resultado recorde. S

**NA VITRINE**
Tênis modelo Novablast 4 Senna é um dos quatro lançados pela marca em alusão ao piloto brasileiro tricampeão de Fórmula 1



INÊS 249





MAIOR ECOSSISTEMA DE EDUCAÇÃO EM TECNOLOGIA DO PAÍS SUPERA R$ 500 MILHÕES EM FATURAMENTO E JÁ PROJETA CHEGAR AO PRIMEIRO BILHÃO EM TRÊS ANOS

**Hugo CILO**

# A AULA BILIONÁRIA DA

Os maiores grupos de educação do Brasil têm enfrentado grandes desafios desde a pandemia, quando muitos alunos trancaram matrículas e a rotina presencial se transformou em aulas online ou híbridas. Mas esses problemas não passaram pela porta da Alura, maior ecossistema de educação em tecnologia do Brasil. Ao completar uma década de existência, a empresa registra o melhor momento de sua história. No ano passado, o faturamento chegou à marca inédita de R$ 500 milhões, impulsionado pela alta demanda por cursos de tecnologia, a especialidade da casa. No atual ritmo de crescimento, a Alura chegará ao primeiro bilhão em três anos, segundo o cofundador e CEO, Paulo Silveira. "Além da demanda natural por formação nas áreas de tecnologia, apostamos no crescimento das aulas presenciais, que devem crescer muito e sem prejuízo ao formato online", afirmou. "Muitas profissões não ligadas à tecnologia também estão se digitalizando e, assim, aquecendo a procura pelos nossos cursos."

A estratégia de surfar no digital e no físico se apoia na Faculdade de Informática e Administração Paulista (Fiap), que teve participação majoritária adquirida em 2022 pela Alura a partir do aporte dos fundos de investimento de educação Crescera e Seek. "Como o maior ecossistema







**NO DIGITAL E NO PRESENCIAL** Estratégia de expansão definida pelo CEO Paulo Silveira inclui crescer em todos os formatos de aula e com negócios no exterior

# A ALURA

de ensino, vamos expandir nossa atuação em todas as frentes", disse Silveira.

Dentro do planejamento de expansão física, a Alura planeja aumentar sua presença em cidades como Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre e Belo Horizonte. Atualmente, a edtech tem sete andares na Avenida Paulista e dois prédios na Vila Mariana, na capital paulista. As aulas presenciais representam 25% da receita da empresa. "A expansão presencial é crucial para fortalecer nosso crescimento online. Precisamos estar próximos da comunidade para entender seus desafios e oferecer soluções eficazes", afirmou o CEO.

Em paralelo com a expansão do online e do presencial, o planejamento estratégico para cruzar a fronteira do bilhão passa pela internacionalização. A Alura iniciou sua expansão na América Latina, com faturamento em espanhol representando 1% do total. A expectativa é que, com o auxílio de inteligência artificial e novas tecnologias, esse número alcance 9% a 10% até 2027, se consolidando como um negócio de R$ 100 milhões. Nesse contexto, a Alura tem negociado parcerias internacionais para enriquecer sua oferta educacional. Hoje, a principal universidade estrangeira é a americana Babson College, que oferece módulos de MBA no exterior. Silveira afirma que há negociações avançadas com outras instituições, que vão incorporar à Alura cursos também ligados a liderança e empreendedorismo. Com cerca de 1,5 mil cursos exclusivos e multiplataforma, a Alura já formou mais de 3 milhões de pessoas. Atualmente, conta com mais de 800 mil estudantes ativos e 1 mil colaboradores. A empresa detém a maior comunidade tech do país, com mais de 126 mil integrantes, onde os estudantes podem trocar conhecimentos e aprimorar habilidades em diversas áreas, como Programação, Front-end, Data Science, Mobile, DevOps, UX & Design, Negócios, Marketing e Inteligência Artificial (IA).

**CORPORATIVO** Outro pilar de crescimento da Alura é o segmento de ensino corporativo. Em 2021, a empresa comprou a PM3 para fortalecer o portfólio de cursos na área de gestão de produtos digitais. Ao unir PM3 e Fiap, cocriaram a Pós Tech, com pós-graduações digitais e hands-on nas áreas de Desenvolvimento, Cibersegurança e Dados. Nesse segmento B2B, estão a Alura Para Empresas, Fiap Empresas e PM3 Para Empresas, que representam metade da receita bruta atual da empresa. Juntas, oferecem cursos personalizados de capacitação em tecnologia para mais de 5 mil empresas, incluindo Banco Pan, Dasa, Banco do Brasil, O Boticário, Localiza e Suzano. "Não temos como objetivo nos tornar um unicórnio da educação, mas isso deverá ser uma consequência natural de um crescimento sustentável e impactante", disse Silveira.

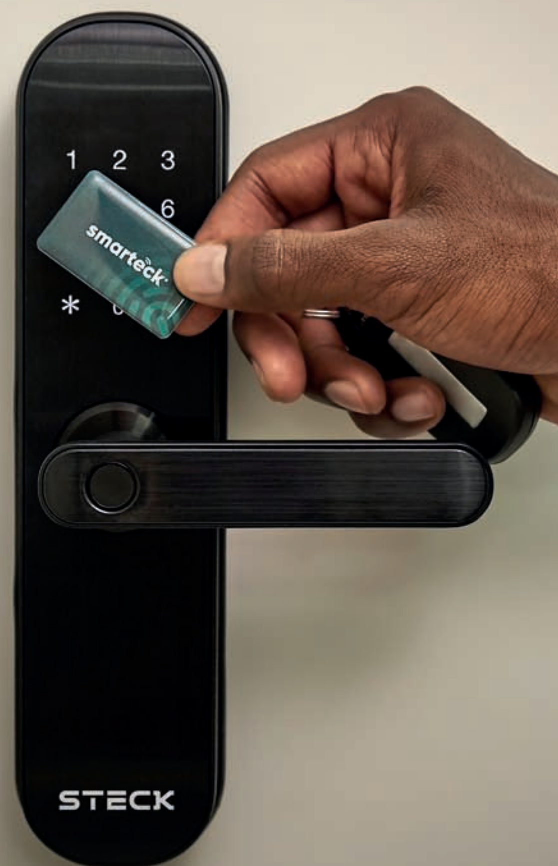
**1.500**
CURSOS DE TECNOLOGIA SÃO OFERECIDOS PELA ALURA EM SEU ECOSSISTEMA ON-LINE E PRESENCIAL

**10%**
É A PROJEÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DOS CURSOS NO EXTERIOR DENTRO DA RECEITA TOTAL ATÉ 2027

**3 MILHÕES**
DE ALUNOS JÁ SE FORMARAM NOS CURSOS DA ALURA NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

# AS CHAVES DA STECK PARA CRESCER

Companhia líder em soluções elétricas projeta R$ 1 bilhão de faturamento neste ano e ampliação da produção da fábrica de Manaus




Beto SILVA

Eletrificação de carros, casas inteligentes, segurança urbana e eficiência energética. Todos esses temas têm avançado diante de um mundo cada vez mais conectado e preocupado com o meio ambiente. Inúmeras portas de oportunidades se abrem para novos negócios. Algumas empresas aproveitam essas quatro vias para desenvolver produtos e incrementar suas receitas. É o caso da Steck, líder em soluções elétricas com 49 anos de atuação e que faz parte do grupo Schneider Electric. As chaves de crescimento da Steck estão no plano que visa ampliar sua presença no mercado nacional e latino-americano e dobrar seu faturamento até 2027. A receita, que no ano passado foi de R$ 800 milhões, deve ultrapassar a casa de R$ 1 bilhão neste ano. Desse total, 20% são referentes a novos produtos, o que a empresa chama de vitality index (índice de vitalidade).

Para continuar nessa toada e alcançar a meta, a empresa investe R$ 23 milhões em melhorias na eficiência, capacidade produtiva e automação das linhas de produção da fábrica de Manaus (AM). O montante será dividido ao longo dos próximos três anos. "Inovação é um tremendo acelerador para nós. Vivemos de novas ofertas ao mercado, sempre criando tendências", disse o CEO da Steck, Klecios Souza, que além de ser o principal executivo da companhia no Brasil, também assumiu o cargo no grupo Schneider Electric, de vice-presidente para a divisão de Home & Distribution da companhia com foco na América do Sul. O grupo é um dos gigantes globais, com faturamento de 36 bilhões de euros em 2024, 13% superior ao período anterior.

INÊS 249






**CASA TODA CONECTADA**
Além de linha de elétrica, a Steck produz dispositivos inteligentes, como fechaduras e tomadas, que podem ser acionadas por assistentes de voz ou aplicativo

Atualmente, a Steck possui cerca de 50 linhas de produtos, entre residenciais, comerciais e industriais. São tomadas, plugues, fechaduras digitais, lâmpadas, câmeras, dispositivos IDR (interruptor diferencial) e DPS (de proteção contra choques), quadros de distribuição, caixas de passagem, conectores, relés e botoeiras. "Dificilmente você vai abrir um quadro elétrico de uma residência ou empresa e não vai ter ver um dispositivo Steck. Em parte elétrica, de cada 10 itens, oito são nosso", discorreu Souza. Tudo produzido em Manaus e na planta de Guararema (SP). Com centros de distribuição em quatro países (Argentina, Brasil, Colômbia e México), exporta para 18 países.

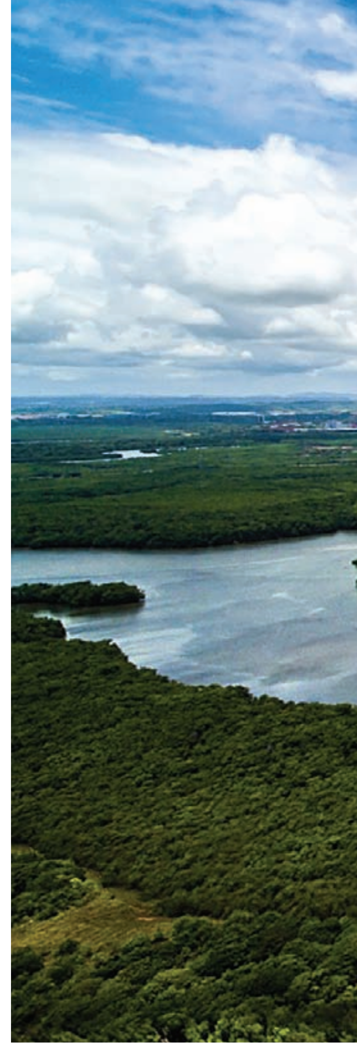
No segmento de casas conectadas, a Steck tem aproveitado a onda dos consumidores em levar tecnologia de automatização para suas residências. E avança em parcerias com players de renome, como Samsung em seus aparelhos, Amazon para soluções como Alexa e Mercado Livre para aprimora canal de venda. "Dispositivos para casa conectada vende muito no canal on-line", disse Souza. "É que é uma vertical que a gente tem conseguido uma diferenciação grande, pois envolve conforto, conectividade e gestão de energia", ressaltou o executivo, a acrescentar que a Steck também disponibiliza um aplicativo para gerenciamento de energia do imóvel. É uma solução que mensura a carga e o consumo. Em casos de picos de energia, que queimam aparelhos domésticos, é possível processar relatórios para pedir ressarcimento às empresas distribuidoras.

O setor automotivo tem sido outra importante estrada de crescimento da Steck. A empresa tem contrato com montadoras como BYD e Porsche para fornecer produtos para carros elétricos. Seja o receptor dentro dos veículos, seja em cabos e tomadas de carregamento. "São acordos locais, para projetos dessas grandes empresas específicos para o Brasil", explicou o CEO da Steck.



"INOVAÇÃO É UM TREMENDO ACELERADOR PARA NÓS. VIVEMOS DE NOVAS OFERTAS AO MERCADO, SEMPRE CRIANDO TENDÊNCIAS"

**KLECIOS SOUZA**, CEO DA STECK



# FATURAR PARA PRESERVAR



## COM 64 MIL HECTARES DE MATA NATIVA PRESERVADA NO PARÁ, A AGROPALMA QUER USAR O PRÓPRIO PATRIMÔNIO PARA EMITIR CRÉDITOS DE CARBONO, GERAR RECEITA E APLICAR OS RECURSOS NA PRESERVAÇÃO DA PRÓPRIA ÁREA

**Alexandre INACIO**

O Estado do Pará é o maior exportador de madeira nativa do Brasil. Considerando as florestas cultivadas, ocupa a quarta posição do ranking nacional, atrás de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, grandes produtores e exportadores de eucalipto e pinus. O Pará possui mais de uma dezena de espécies de madeiras cobiçadas por países como Índia, China, Vietnã, Nova Zelândia e toda a União Europeia. Apesar do cenário econômico promissor, estimativas de consultorias e organizações não-governamentais indicam que quase metade da exploração de madeira do Estado se dá de forma irregular.

E não são apenas as áreas públicas que sofrem ataques e invasões daqueles interessados em extrair as variedades mais nobres. Não é incomum haver registros de roubos de madeira em fazendas particulares, muitas das quais são áreas de preservação de floresta nativa devidamente registradas. A dificuldade em monitorar, vigiar e preservar o próprio patrimônio são alguns dos elementos que tornam a preservação da floresta uma atividade altamente custosa.

Baseada no Pará, a Agropalma, maior empresa produtora de óleo de palma sustentável das Américas, encontrou uma solução para ajudar a preservar seu próprio patrimônio e, por consequência, o meio ambiente. Em pouco mais de quatro décadas de vida, acumulou 107 mil hectares de terras no Estado. Desse total, a empresa utiliza comercialmente 39 mil hectares para o cultivo de palma. Os demais 64 mil são áreas de floresta nativa preservadas, que no balanço financeiro, sempre estiveram do lado das despesas.

Agora, cerca de 80% das reservas da Agropalma começarão a gerar receita. A empresa criou o Projeto Ararajuba - pequena arara amarela que habita as reservas da Agropalma e ameaçada de extinção - que vai utilizar 50 mil hectares distribuídos pelos municípios de Tailândia, Moju, Tomé-Açu e Acará, no nordeste do Estado do Pará, para geração de créditos de carbono. A expectativa é que sejam emitidos cerca de 350 mil créditos de carbono por ano, o equivalente a 350 mil toneladas de carbono-equivalente.

"Não é barato cuidar das reservas. Nossas áreas preservadas acabaram se transformando em um poucos fragmentos florestais em uma região onde a ex-



**BOM PARA TODOS**
Túlio Brito, da Agropalma, e Soraya Pires, da Biofílica Ambipar, conduzem projeto que vai emitir 350 mil créditos de carbono por ano no Estado do Pará

tração de madeira sempre foi a principal atividade econômica", disse à DINHEIRO Túlio Dias Brito, diretor de sustentabilidade da Agropalma. Por ano, a Agropalma investe cerca de R$ 1,5 milhão em seu programa de regularização florestal.

A comercialização dos créditos do projeto tem potencial para gerar uma receita da ordem de US$ 3,5 milhões por ano. Segundo Brito, os recursos serão usados para proteção das áreas de reserva, preservação e monitoramento da biodiversidade e implementação de programas sociais de longo prazo envolvendo educação, trabalho e renda das comunidades locais. "A reserva deixa de ser apenas um custo e passa a ser uma fonte de receita financeira e reputacional para a empresa", disse o executivo.

Para operacionalizar o projeto e ficar responsável pela parte técnica e de comercialização dos créditos, a Agropalma contratou a Biofílica Ambipar. De acordo com Soraya Pires, diretora de operações da Biofílica Ambipar, os créditos estão classificados como sendo de desmatamento não-planejado evitado e cerca de 70% devem ser destinados ao mercado externo, onde já existe maior maturidade dos agentes e os compromissos das grandes empresas já estão feitos.

A entrada da Agropalma no mercado de carbono já passou pelos processos de autoria, audiência e registro na Verra, organização que controla o mercado de crédito de carbono, onde está agora na fase de validação. "É difícil prever quando os certificados serão emitidos, mas já passamos por todas as etapas e estamos apenas aguardando a revisão técnica para a liberação", disse Soraya.

A executiva lembra que o ponto alto do projeto Ararajuba é sua localização. As fazendas envolvidas estão localizadas em uma região de alto risco de desmatamento e ainda abrigam 199 espécies vegetais - das quais seis ameaçadas de extinção - e mais de 700 espécies de fauna, sendo que 30 correm o risco de deixar de existir. "Toda a área tem um alto valor de conservação devido a essas características", afirmou.

INÊS 249



# MAIS CONTROLE PARA OS RISCOS CLIMÁTICOS

Mudanças no clima podem fazer a economia mundial encolher quase 30% ao longo dos próximos 25 anos e empresas começam a ser pressionadas para medir e divulgar o tamanho do risco a que estão expostas **Alexandre INACIO**

As mudanças climáticas representam uma das maiores ameaças à economia global. Ainda que uma série de medidas tenham começado a ser implementadas e a transição energética seja cada vez mais palpável em todo o mundo, algumas estimativas dão conta que, dado o ritmo atual de ações, os danos causados pelas mudanças climáticas seriam equivalentes aos provocados por uma guerra permanente.

O estudo *Comprometimento Econômico das Mudanças Climáticas*, publicado pela revista Nature neste ano, indica que o PIB mundial poderá encolher 19% nos próximos 25 anos dada a queda na produtividade da economia do mundo que as mudanças climáticas irão provocar.

O estudo da Nature nem está entre os mais pessimistas. Pesquisadores do Instituto Potsdam para Pesquisa de Impacto Climático, na Alemanha, apostam que a retração na economia mundial poderá chegar a 29% nas próximas duas décadas e meia. No ano passado, uma pesquisa do Fórum Econômico Mundial estimou que as mudanças climáticas custarão entre US$ 1,7 trilhão e US$ 3,1 trilhões ao ano, até 2050, levando em consideração os dados provocados à infraestrutura, agronegócio e saúde humana.

Diante de números superlativos, empresas do mundo todo terão que reportar o tamanho da exposição aos riscos climáticos. O IASB (International Accounting Standards Board) já atualizou os padrões internacionais de relatórios financeiros (IFRS), exigindo que as empresas divulguem ao mercado financeiro informações sobre riscos e oportunidades relacionados ao clima a que estão expostas, indo além das informações sobre sustentabilidade.

O Brasil foi o primeiro país a adotar tal norma oficialmente. As empresas listadas em bolsa poderão utilizar os novos padrões a partir de 2025 de forma voluntária. Em 2027, a divulgação será obrigatória para todas as companhias listadas das classes 1 e 2. Porém, as empresas com operações nos Estados Unidos e Europa já precisam se adequar aos novos parâmetros.

“Diante da urgência, as empresas começam a demandar novas soluções que permitam medir a exposição tanto aos riscos físicos das mudanças climáticas quanto aos riscos de transição, que envolvem aspectos regulatórios, tecnológicos e políticos”, disse Henrique Pereira, co-fundador e diretor de operações da WayCarbon. A consultoria brasileira teve 80% do seu capital adquirido pelo grupo Santander, em 2022.

Pouco mais de dois anos após a venda para o banco espanhol, a WayCarbon quer agora medir o tamanho da exposição das empresas brasileiras aos riscos climáticos. A consultoria acaba de lançar uma platafor-

**29%**
É O TAMANHO DA QUEDA QUE A ECONOMIA MUNDIAL PODERÁ TER ATÉ 2049, RESULTADO DA MUDANÇA CLIMÁTICA

ma desenhada para calcular as perdas financeiras decorrentes de riscos climáticos que afetam empresas e cidades. A WayCarbon investiu R$ 10 milhões nos últimos 2 anos no desenvolvimento de soluções digitais voltadas à transição para a economia de baixo carbono. A nova plataforma, que quantifica as perdas financeiras geradas por crises climáticas, como inundações, ondas de calor, seca meteorológica e incêndios florestais, considera diferentes cenários de aquecimento em projeções até 2100.



> **“Diante da urgência, as empresas começaram a demandar novas soluções que premitam medir a exposição aos riscos das mudanças climáticas”**
>
> **HENRIQUE PEREIRA**
> DIRETOR DE OPERAÇÕES

Para Melina Amoni, gerente de risco climático e adaptação da WayCarbon, todos os setores econômicos do Brasil estão expostos em alguma medida. Em sua avaliação, os mais críticos são aqueles que ameaçam de alguma forma a segurança e a economia nacional, como portos, aeroportos, rodovias, geração de energia e abastecimento. “Ainda não existe um setor que esteja mais preparado. Talvez, o setor financeiro esteja mais adiantado dada a pressão que existe historicamente sobre o risco de suas carteiras”, disse. Apesar dos riscos, a WayCarbon considera que sua nova plataforma é capaz de identificar oportunidades para M&As. No caso do setor elétrico, por exemplo, Pereira lembra que as geradoras estão buscando diversificar cada vez mais suas fontes de geração. Seja para avaliar riscos ou oportunidades, as empresas estão de olho em como mensurar os riscos. Afinal, uma das máximas da gestão corporativa diz que só é possível gerenciar aquilo que se pode medir.

> **“Ainda não existe um setor que esteja mais preparado que outro para os impactos e riscos das mudanças climáticas para os negócios”**
>
> **MELINA AMONI**
> GERENTE DE RISCO CLIMÁTICO

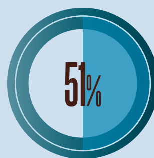


INÊS 249



# UM NOVO CICLO DAS STARTUPS

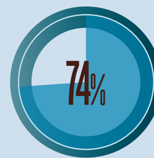
Se em 2022 o Google for Startups Brasil analisou o contexto da Inteligência Artificial preditiva, agora, em 2024, o foco é na Inteligência Artificial generativa. Os resultados do mergulho da big tech nessa inovação está no estudo *Startups & Inteligência Artificial Generativa: Destravando o seu potencial no Brasil*. A pesquisa visa dimensionar o mercado de startups com foco em GenAI, mapear os principais obstáculos e lacunas para o desenvolvimento dessa tecnologia, identificar cases de sucesso de startups brasileiras e compreender a posição do mercado nacional frente a outros países, identificando oportunidades para sua melhor atuação. Veja alguns insights:



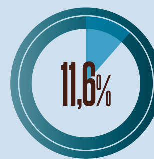

dos brasileiros acreditam que a Inteligência Artificial pode piorar a desinformação

**8,6 vezes**

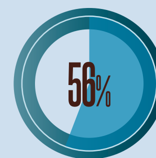
foi o crescimento do investimento em startups de AI na América Latina entre 2019 e 2023, atingindo US$ 11,6 bilhões



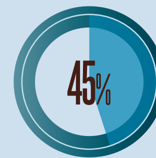

dos brasileiros acreditam que com a IA é mais fácil gerar imagens e histórias falsas super realísticas



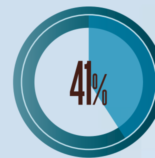

é o crescimento de investimento esperado em IA na América Latina para 2024



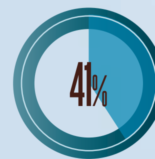

dos brasileiros confiam que as empresas que usam IA protegerão seus dados pessoais




dos fundadores de startups na América Latina acreditam que a escassez de mão de obra qualificada é o principal obstáculo para o desenvolvi-mento da AI




dos brasileiros acreditam que a inteligência artificial irá melhorar a produtividade no trabalho



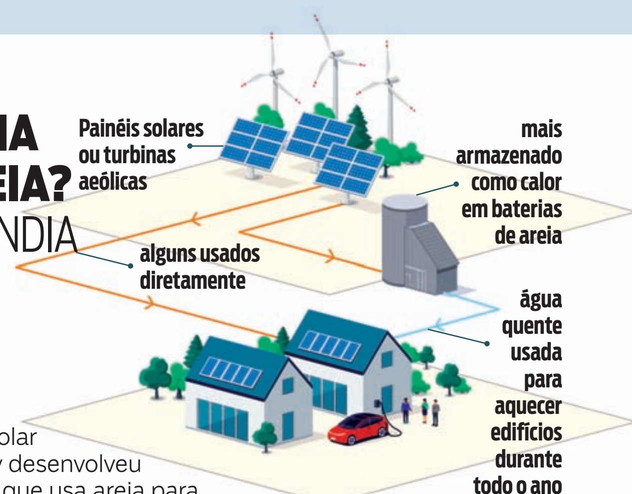

dos fundadores de startups na América Latina reclamam do alto custo para adoção tecnológica

## BRASIL É DESTAQUE DO SPOTIFY

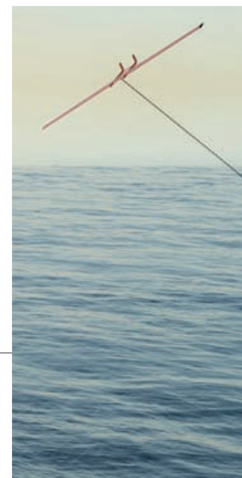


O Brasil foi destaque nos resultados globais que o Spotify divulgou na terça-feira (23). No último ano, artistas brasileiros foram descobertos (ouvidos pela primeira vez por novos usuários) 10 bilhões de vezes na plataforma, e os royalties gerados por todos os artistas nacionais cresceram 600% desde 2017. No mundo, os usuários ativos mensais cresceram 14% ano a ano, atingindo 626 milhões, dos quais 22% estão na América Latina. Assinantes premium aumentaram 12%, para 246 milhões. A receita total aumentou 20%, atingindo 3,8 bilhões de euros. Daniel Ek, fundador e CEO do Spotify, disse ser um momento emocionante para o Spotify. "Continuamos inovando e mostrando que não somos apenas um ótimo produto, mas também, cada vez mais, um ótimo negócio. Estamos fazendo isso em um prazo que superou até mesmo nossas próprias expectativas. Tudo isso é um bom sinal para o futuro."

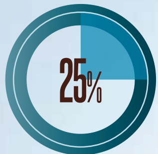
## BATERIA DE AREIA? A FINLÂNDIA TEM




A startup finlandesa Polar Night Energy desenvolveu uma bateria que usa areia para capturar e armazenar energia da eletricidade solar e eólica. A bateria é uma instalação de armazenamento de alta energia localizada em Kankaanpää. Aquecendo até 600 graus Celsius, o sistema captura o calor até que seja necessário, quando pode ser liberado como água quente, vapor ou ar. A empresa usa areia de alta densidade, que é obtida apenas de áreas abundantes e não pode ser usada na construção. Até agora, a bateria abastece uma rede de aquecimento distrital local, aquecendo casas e empresas, e até uma piscina municipal.



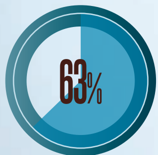
 | INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: GETTY IMAGES | DIVULGAÇÃO




pensam que todo o seu trabalho poderia ser realizado pela IA

**US$ 3,9 TRILHÕES**

é o valor de mercado que as empresas de tecnologia na América Latina podem crescer se a região atingir o nível dos EUA




dos latino-americanos acreditam que a AI possa fazer parte ou todo seu trabalho

**"EM PAÍSES COMO O BRASIL, A IA GENERATIVA TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL A DESEMPENHAR NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E DESAFIOS LOCAIS. É CRUCIAL QUE AS STARTUPS DESENVOLVAM SOLUÇÕES COM VISÃO E APLICAÇÃO LOCAL, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO AS NECESSIDADES E DESAFIOS ESPECÍFICOS DO NOSSO PAÍS"**



**ANDRÉ BARRENCE**
DIRETOR DO GOOGLE FOR STARTUPS NA AMÉRICA LATINA

## UMA PIPA MOVE BARCOS AUTÔNOMOS

Barcos autônomos movidos a pipa, para um transporte mais rápido, mais barato e mais ecológico. Essa é a proposta da startup alemã CargoKite, que visa substituir grandes embarcações com motores a diesel por frotas de pequenos barcos autônomos para transporte de cargas. Com o vento como combustível, uma pipa gigante arrasta o barco. Como eles aproveitam a energia eólica gratuita, os barcos são muito mais baratos de operar do que os navios de carga tradicionais, que usam mais da metade de seus custos operacionais apenas em combustível. A CargoKite construiu um algoritmo que controla autonomamente o equilíbrio entre a pipa e os hidrofólios, melhorando a eficiência. E também desenvolveu um planejador de rotas alimentado por IA.



## APLICATIVO PARA SURDOS RECEBE APORTE




Com os pais surdos, Jari Hazelebach era um intérprete em tempo integral. Para que pessoas com perda auditiva pudessem levar um intérprete no bolso, ele criou o Speaksee, um app de conversão de fala em texto com tecnologia de IA e um kit de microfone. Ele cria legendas em tempo real de conversas em grupo para pessoas surdas. Durante uma interação, o usuário distribui microfones individuais para os membros do grupo, que prendem os pequenos dispositivos em suas golas. O áudio é processado e transmitido para um aplicativo de smartphone, onde ele aparece como texto transcrito. O software também funciona com videoconferência, em mais de 40 idiomas. A Speaksee recebeu um novo financiamento de US$ 1 milhão, totalizando US$ 4 milhões de aportes. A startup atualmente opera na Holanda, mas planeja se ramificar para o Reino Unido, Dinamarca, Suíça, Noruega e Alemanha.

# EDUCAÇÃO PARA COMBATER O CRIME





# NordVPN, multinacional especializada em cibersegurança, quer educar e conscientizar os brasileiros sobre os perigos no mundo on-line

**Aline ALMEIDA**

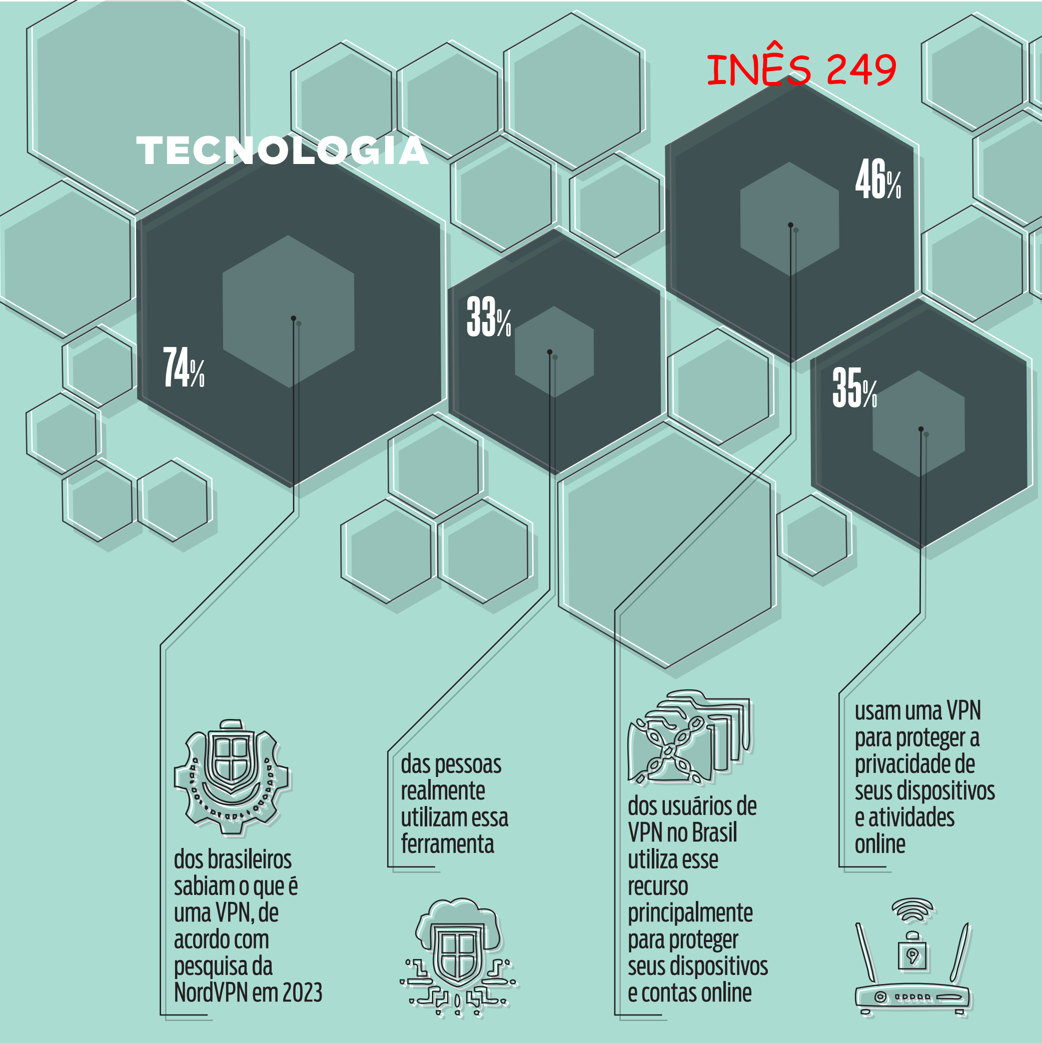
Na era em que as pessoas passam cada vez mais tempo conectadas ao mundo virtual, a segurança on-line tornou-se indispensável. Usuários, governos e empresas viraram alvos de criminosos que buscam expor, alterar, desativar, destruir e roubar dados, ao obter acesso não autorizado a dispositivos. Para combater ataques cibernéticos e garantir a segurança, em 2012 nasceu a multinacional em cibersegurança NordVPN. Em 14 anos de história, já acumula milhões de clientes em todo o mundo. No ano passado, a Nord Security, holding da NordVPN, tornou-se unicórnio, avaliada em mais de US$ 1 bilhão. Atualmente, tem escritórios no Reino Unido, Países Baixos, Polônia, Alemanha, Estados Unidos, Lituânia, Suíça e Panamá, possui mais de 6,2 mil servidores e atuação em 111 países. Entre eles o Brasil, onde a companhia atua há quatro anos. Por aqui, a multinacional tem como maior desafio implementar a cultura da prevenção contra os crimes virtuais, como explicou Maria Eduarda Melo, country manager da NordVPN. "Somos a população que passa mais tempo on-line. Então, por conta disso, aumenta a nossa vulnerabilidade. O brasileiro passa mais da metade da vida conectado, quase 42 anos, quase 20 horas por semana. Então, como estamos muito no mundo digital, é um prato cheio para os criminosos", disse à DINHEIRO.

Mas o que é uma VPN que a empresa leva no nome? É uma rede privada virtual. Um serviço que protege a conexão com a internet e a privacidade on-line. Cria um túnel criptografado, protege a identidade digital, oculta o endereço IP e permite o uso seguro de pontos de acesso de wi-fi públicos. De acordo com Maria Eduarda, ao conectar-se à internet com uma VPN, o tráfego de informações passa por um funil de criptografia que protege os dados e os redireciona para os servidores de provedor da rede privada. "Você pode sentar na frente do seu computador, no Brasil, e se conectar como se estivesse no Canadá. Nem o provedor de internet nem os hackers serão capazes de te identificar, verificar seus dados ou descobrir sua localização", explicou.

> "OS RISCOS, INFELIZMENTE, EXISTEM EM TODOS OS LUGARES DO MUNDO, MAS O BRASIL ESTÁ ENTRE OS PIORES EM SEGURANÇA DIGITAL"
>
> **MARIA EDUARDA MELO**
> COUNTRY MANAGER DA NORDVPN

Entre todos os países, o Brasil é um dos que mais estão na mira dos hackers. De acordo com uma pesquisa da NordVPN, apenas no mês de maio deste ano o País foi alvo de 60 milhões de tentativas de infecção por malware. Malware é qualquer tipo de código furtivo instalado em um dispositivo (computador, smartphone, entre outros) para espionar o uso de sistemas, interceptar comunicações, registrar teclas digitadas, captar e enviar dados ou até diminuir a capacidade de processamento da máquina.

FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO




**CONSCIENTIZAÇÃO** Para Maria Eduarda, é de extrema urgência que os brasileiros comecem a se educar e criar consciência sobre a segurança digital. "O brasileiro ainda não tem essa conscientização sobre a cibersegurança, assim como existe em outros países. Os riscos, infelizmente, existem em todos os lugares do mundo, mas o Brasil está entre os piores números em segurança digital", explicou a executiva. Ela também mencionou a posição do Brasil no ranking dos ataques. "Estamos sempre no Top 3, que geralmente tem Estados Unidos, Índia e Brasil. Nós somos celeiros do crime digital."

Ainda de acordo com o levantamento da NordVPN, o País é o terceiro mais afetado entre todos os usuários das Américas no Threat Protection Pro, um software de proteção disponibilizado pela multinacional. A country manager fez uma analogia ao comparar a proteção digital com a prática de fechar os vidros do carro para evitar assaltos. "Fechar os vidros não elimina completamente o risco de um assalto, mas é uma medida importante de proteção. Da mesma forma, no mundo digital, precisamos criar o hábito de buscar a segurança on-line e entender as ações que podemos tomar para proteger nossos dados e nossa privacidade", discorreu.

Assim como no mundo real, e existem vários tipos de crimes no mundo virtual. Há muitas outras ameaças, além do malware. O phishing, que busca enganar o usuário para que revele informações privadas, como senhas ou dados bancários, é uma delas. E-mails, sites e mensagens falsas que imitam marcas confiáveis são ferramentas comuns nesse modelo de ataque. Outro risco é a engenharia social, que manipula psicologicamente os internautas para ludibriar e fazer com que eles realizem ações que beneficiem o atacante, como fornecer informações ou instalar softwares prejudiciais.

É importante compreender os impactos desses crimes, tanto economicamente quanto em termos de reputação para indivíduos e organizações. Um dos ataques de ransomware mais conhecidos foi contra a operadora de oleodutos norte-americana Colonial Pipeline, em 2021, que sofreu danos no fornecimento de combustíveis nos Estados Unidos. O grupo criminoso DarkSide foi o responsável. Os cibercriminosos conseguiram entrar na rede corporativa da empresa por meio de uma conta VPN desativada. Já no Brasil, em outubro de 2022, a emissora Record TV foi alvo de um ataque hacker que resultou no sequestro de dados e na limitação do acesso a ferramentas essenciais para a transmissão de suas programações. O crime foi atribuído ao grupo BlackCat/Alphv, que exigiu um resgate de US$ 5 milhões. A recuperação parcial dos sistemas ocorreu dois dias após o ataque, mas a emissora só comunicou os funcionários sobre a exposição de dados pessoais quase um mês depois.

Além das VPNs, existem outras práticas que ao serem adotadas potencializam a segurança on-line, como criar senhas fortes e únicas, utilizar um gerenciador de senhas, habilitar a autenticação de dois fatores (2FA), manter sistemas e aplicativos atualizados, proteger dispositivos com software de segurança e configurar bloqueios de tela. Fazer backups regulares dos dados também é essencial, apontou a executiva.

Ao comentar sobre os negócios da companhia, Maria Eduarda afirmou que não está preocupada com os concorrentes, mas sim em gerar conscientização. Como, por exemplo, proporcionar às pessoas saberem identificar a diferença entre um provedor VPN pago e o provedor gratuito, afinal, não tem como oferecer uma segurança de graça sem ferramentas e estruturas. "Para se manterem, [essas empresas] acabam fazendo a comercialização de dados, que não vai ao encontro do que uma VPN deveria ser."

INÊS 249

# INCLUSÃO FINANCEIRA

## N5 Now, empresa de tecnologia para o setor bancário, promove a democratização do segmento com soluções baseadas em IA

**Aline ALMEIDA**




Na ascensão da Inteligência Artificial, que já impacta diversos setores melhorando a eficiência, a precisão e a personalização em várias áreas da economia e da sociedade, o setor financeiro não poderia ficar de fora. De olho em todo o potencial que essa tecnologia pode acrescentar ao segmento e, claro, gerar novos negócios, Julian Colombo se motivou a fundar a N5, em 2017. Hoje a companhia tem se posicionado como uma das líderes em tecnologia no seu setor de atuação. "A principal motivação para a criação da N5 foi minha convicção de que havia descoberto a forma de eliminar a barreira natural que impede os bancos de inovar, liberando-os da complexidade dos sistemas legados", disse o CEO e fundador. Segundo o executivo, que trabalhou 20 anos no Santander, o foco nesses sete anos tem sido a inovação no setor financeiro e em Inteligência Artificial, sempre acompanhando as últimas tendências e discussões no mercado. Por isso, após um investimento de US$ 50 milhões, anuncia o lançamento da Fin Sky (Financial self-contained artificial inteligence), que usa a nova geração de IA projetada exclusivamente para indústria financeira. "O desenvolvimento das Fin Skys surgiu de uma necessidade identificada por especialistas do setor financeiro: a demanda por IAs que garantam segurança e precisão, dada a natureza sensível dos dados transacionados no setor financeiro", disse Colombo.

As Inteligências Artificiais chamadas AIfred, Pep e Singular foram criadas para atender às necessidades específicas do mercado, oferecendo funcionalidades integradas e especializadas. Essas ferramentas atuam como assistente virtual, mentor pessoal e executivo para os clientes, aumentando a produtividade e reduzindo os custos operacionais em até 94%. Entre os clientes estão Credicorp, Quintet, Zurich Insurance, Mastercard, Santander, Sudameris e Banco Atlas.

Julian destacou que as soluções da N5 podem promover a inclusão financeira no Brasil ao reduzir custos de atendimento e permitir que a IA gerencie de clientes. Isso torna o atendimento acessível e eficiente, democratizando o acesso a serviços para aqueles que historicamente foram excluídos do sistema bancário.



**Visamos contribuir para a inclusão financeira no Brasil, permitindo que mais pessoas tenham acesso a serviços bancários essenciais"**

JULIAN COLOMBO
FUNDADOR E CEO DA N5 NOW

FOTO: DIVULGAÇÃO

INÊS 249



### O MELHOR GIM DO MUNDO

## BRASILEIRO E ARTESANAL




**PREMIADO**
Com nove anos de vida, destilaria na região de Campinas (SP) já conquistou 35 premiações e 80 medalhas. Acima, o New World Navy, gim vencedor em Londres. No alto, o sócio Felipe Santoro dá aula para visitantes

Uma pequena produtora na região de Campinas (SP), a BEG Destilaria Boutique, acaba de conquistar uma façanha digna de nota para a produção brasileira de destilados. O seu rótulo New World Navy ganhou o título de melhor gim do mundo na International Wine & Spirits Competition (IWSC), premiação entregue anualmente em Londres, uma das principais no circuito mundial. Foi um resultado merecido para essa casa que nasceu em 2015 pelas mãos de quatro sócios. Um deles, Arthur Flosi, conta que viajou para o Reino Unido para estudar e se especializar antes de iniciar o negócio, visitando mais de 50 destilarias de gim. O foco é na qualidade da produção e na busca do reconhecimento internacional. Desde então, os rótulos são submetidos a eventos internacionais, como o San Francisco World Spirits Competition e o World Gin Awards. O prestígio não deixa de crescer: já são 35 premiações e 80 medalhas, o que torna a destilaria paulista a mais reconhecida do País. A distinção do New World Navy foi a principal até agora e coroou essa trajetória. "A estratégia era participar dos campeonatos mundo afora. Nunca participamos no Brasil, mas havia a quase obrigatoriedade de mandar as garrafas mundo afora. Desde 2017, a partir do primeiro campeonato, a gente vem colecionando prêmios", conta Flosi.

A prioridade também sempre foi a produção individualizada. As garrafas são numeradas a mão num processo genuinamente artesanal, em que a sustentabilidade é uma obsessão. A produção é feita com carbono neutro, há 200% de geração de energia solar e a utilização, em grande medida, de cascos de alumínio, o que permite o refil das garrafas recicladas. E também, é claro, pelo cuidado na seleção das matérias-primas, dos botânicos e com o alambique. A ênfase é na valorização da cultura de terroir, com um toque de brasilidade, incluindo ingredientes como folha de pitangueira, folha da jabuticabeira e limão-cravo da fazendo própria. "Tudo com carinho e muito estudo", diz o sócio, que destaca o controle de todas as etapas da produção, que ocorre em um casarão de 1890, da era do café, devidamente revitalizado. "Fizemos a destilaria caber em uma casa de pau a pique." Inspirado na experiência que as vinícolas premiadas e familiares proporcionam aos turistas e consumidores, ele abre a destilaria para visitação, que pode ser agendada no site beggin.com.br. O cliente seleciona os botânicos e produz o próprio gim. Já os rótulos são comercializados no País com preço competitivo em relação às marcas estrangeiras consagradas, ainda que seja uma produção premium. A garrafa do New World Navy sai por volta de R$ 109.

 FOTOS: MATHEUS CAMPOS I DIVULGAÇÃO







FOUR SEASONS

## REFÚGIO **MEDITERRÂNEO**

Localizado em uma península em Maiorca, o Four Seasons Mallorca at Formentor será aberto em agosto como um resort de luxo ao norte dessa ilha espanhola no Mediterrâneo. Inaugurado originalmente como Hotel Formentor em 1929, o resort passou por uma restauração que inclui tecnologias modernas e incorpora rigorosos padrões de sustentabilidade. Está inserido em 40 hectares de floresta à beira-mar e ocupa o coração de uma vasta propriedade que, além do hotel, abriga um vinhedo. Embora ofereça um ambiente de isolamento, o local é facilmente acessível a proporciona diversas opções de atividades. O resort oferece um serviço de transfer em limusine até Puerto Pollença, de onde é possível embarcar em um barco. Ainda disponibiliza barcos para transporte de hóspedes que estão ancorados em iates nas proximidades. Ao redor do hotel, a vegetação nativa cria trilhas para caminhadas, com jardins exóticos, flores aromáticas e pinheiros. Mais informações em www.fourseasons.com/mallorca

DESIGN

## MOBILIÁRIO **SUSTENTÁVEL**

A Moldd.br, grife focada em arquitetura e decoração, está lançando peças assinadas por Maurício Coelho que destacam a sustentabilidade, primam pelo conforto e pelas formas orgânicas. Um exemplo é o sofá Bambu, disponível na loja da marca no D&D Shopping, em São Paulo. O encosto do sofá, desenvolvido artesanalmente em madeira maciça Jequitibá, recebe um estofado com linhas curvas e está disponível por R$ 70.527.





ESPORTIVO

## INOVAÇÃO **ATLÉTICA**

A UnderArmour lança o FUTR x Elite, um tênis de basquete projetado para melhorar a mobilidade e agilidade dos atletas, além de também oferecer o máximo de conforto em toda a quadra. Com um design tipo botinha, apresenta um cabedal respirável e confortável, oferecendo compressão dinâmica que se ajusta para proporcionar suporte e alongamento onde necessário. A palmilha moldada oferece conforto aos pés, enquanto a tecnologia de amortecimento UA Flow, leve e elástica, garante aderência. Disponível nas cores preto e azul, sai por R$ 1,4 mil.

# DESFILE OLÍMPICO

## COM LVMH EM DESTAQUE, PARIS 2024 REÚNE CRIAÇÕES DE MARCAS INTERNACIONAIS QUE ENALTECEM A CAPITAL DA MODA E A CULTURA DOS PAÍSES PARTICIPANTES EM CADA PEÇA

**Latícia FRANCO**




**ANFITRIÃ**
Delegação francesa veste peças desenvolvidas pela Berluti, grife masculina da LVMH

Da estilista Gabrielle Chanel ao criador Christian Dior. Da antiga Gazette de Bon Ton à Vogue France. Da Paris Fashion Week ao Premiére Vision. São personalidades, marcas e eventos que ao longo da história transformaram Paris em uma das capitais mais influentes da moda. E agora, em 2024, o berço da indústria da moda se torna palco dos Jogos Olímpicos pela terceira vez. A moda e o esporte prometem se encontrar durante todo o evento, que ocorre de 26 de julho a 11 de agosto. Os trajes e acessórios a serem usados na cerimônia de abertura no Rio Sena, nas competições e no pódio projetam o estilo, símbolos e cores de cada país. Tudo isso altamente influenciado pela história e sofisticação da Cidade Luz e de suas grifes.

Exímio couturiere e fundador de uma das maiores maisons francesas, Hubert de Givenchy dizia que "o luxo está em cada detalhe". E são nos detalhes que o grupo de luxo francês LVMH, dono de marcas como Louis Vuitton, Givenchy e Tiffany, desfila seus nomes icônicos. O acordo de patrocínio de 150 milhões de euros, cerca de R$ 900 milhões, entre a Olimpíada de Paris e o conglomerado de luxo, inclui o design e a fabricação de baús que transportam as medalhas e as tochas oficiais. As peças foram inspiradas na célebre Malle Coiffeuse da Louis Vuitton, que custa mais de 165 mil euros





(R$ 1 milhão). Ainda para o pódio, a LV desenvolveu os uniformes dos voluntários que levam os prêmios, também apresentados em bandejas feitas pela grife. Já a Place Vendome Chaumet, joalheria da LVMH, desenhou as medalhas.

Quem assina o uniforme da delegação francesa é a grife masculina do grupo, Berluti, em uma parceria com a editora de moda Carine Roitfeld. Combinando alfaiataria e sportswear, o resultado são dois modelos de uniformes e 1,5 mil peças, como smokings para as cerimônias de abertura e encerramento, camisas, lenços e calçados. Os artigos, pensados para cada modalidade, foram desenhados em Paris e confeccionados na Itália. Os looks carregam as cores bandeira da França, azul-marinho com detalhes em vermelho e branco.






**TRADIÇÃO**
**1.** Louis Vuitton e Place Vendome Chaumet para o pódio **2.** Classicos da Ralph Lauren marcam o time dos EUA **3.** Brasil aposta em classicos nacionais com Riachuelo e Havaianas

Quando se trata de esportes, moda e estilo americano, apenas um nome vem à mente: Ralph Lauren. É a nona vez que a marca é a estilista oficial da equipe dos Estados Unidos. Para este ano, a grife se inspirou na dinâmica e vibrante cidade anfitriã, nos esportes olímpico e paralímpico, e claro, no espírito patriótico em uma paleta de cores assinada em vermelho, branco e azul. Há blazer clássico de lã, camisa oxford listrada, camisa Polo e jeans em calças e jaquetas. "Por quase 60 anos, Ralph Lauren tem sido um pioneiro na interseção de estilo e esporte, que têm sido um ponto central de inspiração para nossa marca", disse David Lauren, diretor de branding e inovação da Ralph Lauren Corporation.

Outras etiquetas conhecidas, como Emporio Armani e Lululemon, também foram escaladas para desenvolver o visual de seus países, Itália e Canadá, respectivamente. Combinando a moda a la parisiense e os símbolos e cores de seus países, Giorgio Armani aparece nos conjuntos de alfaiataria da cerimônia de abertura e nos agasalhos, enquanto a etiqueta canadense de activewear Lululemon se destaca principalmente com o design gráfico totalmente vermelho e branco do look mais cobiçado pelos atletas: o do pódio.

Por aqui, o time Brasil foi vestido pela Riachuelo. Os looks geraram controvérsia nas redes sociais, com críticas sobre as peças, vistas pelos usuários como simples. Para a cerimônia de abertura, a composição é feita por uma camisa com listras em amarelo, saia branca e jaqueta jeans para as atletas mulheres e calça branca, camisa com listras em verde e jaqueta jeans bordadas para os homens. Segundo Cathyelle Schroeder, CMO da Riachuelo, a marca e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) uniram elementos da França e do Brasil. "Temos a jaqueta como o item principal porque somos [Brasil] o maior produtor de jeans. Além disso, os bordados da peça valorizam a biodiversidade. Já os tons mais claros, as listras e a saia foram inspiradas na moda parisiense", disse à DINHEIRO. Os bordados resultam de um trabalho que contou com as mãos de 80 bordadeiras da Cooperativa das Mãos Artesanais de Timbaúba dos Batistas, no Rio Grande do Norte. Mais uma vez, a equipe brasileira será calçada pela Havaianas. O modelo escolhido foi o clássico chinelo com as cores do País e a bandeirinha na ponta. Seja pelo esporte ou pela moda, Paris está (outra vez) sob os holofotes.

INÊS 249

# Dinheiroemação

POR PAULA CRISTINA

## AQUISIÇÃO

## TELEFÔNICA COMPRA IPNET POR R$ 230 MILHÕES




Considerado um passo em direção à união dos serviços de telefonia e os de conectividade via internet, a Telefônica, dona da Vivo, anunciou na última segunda-feira (22) que chegou a um acordo para adquirir a IPNET, uma parceira do Google e empresa de transformação digital sediada no Brasil. A IPNet revende produtos como Google Cloud Platform e Google Workspace. O valor da aquisição foi divulgado em R$ 230 milhões (US$ 41,3 milhões), enquanto a IPNET foi mencionada como tendo gerado R$ 218 milhões (US$ 39,1 milhões) em receita em 2023, representando um crescimento considerável de 35% na base anual.

A Genial Investimentos avalia a aquisição como positiva, pois ela fortalece a posição da Telefônica Brasil nos serviços da Google, uma área em que a empresa tinha pouca presença anteriormente. Além disso, a aquisição expande significativamente sua atuação em um mercado em crescimento. Porém, no curto prazo, a casa de análise espera que tenha pouco impacto para a companhia.

Embora não seja uma aquisição muito grandiosa, o Itaú BBA também vê o anúncio de forma positiva, pois ele incorpora o objetivo da administração de buscar crescimento além da conectividade de banda larga. O Bradesco classifica a aquisição feita pela Telefônica como um pequeno ponto positivo para a Vivo, pois adiciona um fluxo de receita de alto crescimento nos negócios da empresa.

---

R$

**516,2 milhões** Foi o valor aprovado pelo Conselho de Administração da Equatorial na homologação do aumento de capital da companhia. A cifra terá a emissão, para subscrição privada, de até 17,5 milhões de novas ações ordinárias, ao preço de emissão por ação de R$ 29,50. A operação finalizada foi anunciada em abril.

---

R$

**300 milhões** Foram depositados pela TIM em proventos aos acionistas na terça-feira (23). A empresa de telecomunicações paga o equivalente a R$ 0,124 bruto por ação, em formato de juros sobre o capital próprio (JCP). Os acionistas estão sujeitos ao Imposto de Renda de 15% retido na fonte.

## BANCO DE INVESTIMENTO

## KNOX CAPITAL ATINGE R$ 5 BILHÕES SOB CUSTÓDIA



A Knox Capital, escritório de investimentos focado no segmento private, incorporou a Storia Capital e alcançou o montante de R$ 5 bilhões sob custódia. É a terceira aquisição do grupo nos últimos três anos. Segundo Brunno Cortes, sócio e fundador da companhia, havia uma sinergia entre o perfil das empresas. "A Storia nos chamou a atenção e passamos a manter contato, dialogando sobre boas práticas e outros pontos", afirmou. De acordo com o executivo, o fato de a operação da adquirida ser menor tornou o negócio bom para os dois lados. "Eles também viram uma oportunidade de crescimento", disse.

Localizada em São Paulo, a Storia foi fundada em 2021 e conta com aproximadamente R$ 1 bilhão sob custódia – valor que se soma agora aos poucos mais de R$ 4 bilhões da Knox, que tem cravado uma incorporação por ano.

Em 2022, o escritório havia adquirido a Evox Capital e, no ano seguinte, arrematou a Port Side Capital. "Temos realmente este objetivo e estamos no caminho de ser uma casa de consolidação, mas não queremos somar patrimônio por somar", explicou Cortes. "A consolidação sempre vai levar em conta a nossa cultura, ou seja, times com perfil sênior, com poucas pessoas que carreguem bastante experiência de mercado", pontuou.

INÊS 249



# VOCÊ REALMENTE É CAPAZ DE IMPROVISAR?



**JORGE SANT'ANNA**
DIRETOR-PRESIDENTE E COFUNDADOR DA BMG SEGUROS E MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS

Segundo a Microsoft, a pane cibernética criada pela empresa americana CrowdStrike que assistimos este mês e afetou 8,5 milhões de equipamentos, por alguns instantes, acabou por prejudicar a operação de sistemas em todo o mundo. E se não fosse apenas 8,5 milhões? E se não fosse por "alguns instantes"? O fato é que, surpreendentemente, em um mundo cada vez maiscomplexo, interconectado e sobretudo frágil, é impossível termos planos de contingência planejada para todas as ameaças que enfrentamos, como líderes temos que desenvolver nossa capacidade de improvisar.

Em 2013, um vídeo de um show de Bruce Springsteen em um estádio em Leipzig, na Alemanha, viralizou na internet. No meio do show, Bruce ofereceu um desafio a si mesmo e à sua banda, a E Street Band, de tocar uma música aleatoriamente sugerida pela plateia.

A sugestão recebida 'You Never Can Tell' de Chuck Berry, de 1964, veio escrita e um pedaço de papel. Este momento se transformou em dos maiores exemplos de improvisação e liderança, apresentado ao vivo, para uma audiência de dezenas de milhares de pessoas.

É realmente impressionante e divertido ver uma das melhores bandas do mundo, ao vivo, testando acordes, forçando suas vozes e interagindo de uma forma meio que assustada, para tentar lembrar a melodia de uma música que nunca tocaram juntos. Naquele momento, eles entram em profundo estado de "Flow", completamente imersos em seu mundo, felizes, como se estivessem em uma festa.

De repente, tudo funciona! Bruce faz a contagem regressiva para todos e diz "Lá vamos nós!" O resultado é simplesmente monumental.

Para qualquer outra banda, tal situação seria terrível, muito para além do que chamamos de mundo BANI (Frágil, Ansioso, Não-linear e Incompreensível) que descreve o paradigma que a sociedade atual vive. Para Bruce e a E Street Band, tornou-se uma diversão, um exemplo de improvisação, talento e sobretudo de liderança.

Quando nos deparamos com situações inusitadas, não planejadas e precisamos reagir de maneira tempestiva, temos que improvisar, tal qual Bruce e sua banda. A capacidade de um líder se adaptar rapidamente a situações inesperadas e tomar decisões eficazes com base em informações limitadas e imprecisas, tornou-se uma habilidade crucial em todos os níveis de liderança, frente à enorme complexidade e volatilidade que vivemos.

A técnica do improviso no teatro foi muito usada desde a Grécia antiga e se popularizou com a CommediaDell'arte, chamada de Commedia All'Improviso, que surgiu no século XV. Renunciava-se a dramaturgia formal, com o propósito de atingir uma performance com maior espontaneidade, criando-se assim uma história única naquele momento.

Lidar com o imprevisto exige que nos adaptemos em tempo real, nos movamos rapidamente e com muita consistência, frente ao inesperado, ao não planejado.Para isto, não basta o senso de oportunidade, é fundamental estarmos aparelhados com ferramentas técnicas cognitivas e, principalmente, com competências emocionais para lidarmos a com insegurança, ansiedade e até mesmo medo do desconhecido.

Durante os momentos de improvisação empresarial, a liderança precisa ter conhecimento profundo dos processos operativos da empresa, isto é, produtos, processos, capacidades etc., de forma a se evitar uma desorganização maior na empresa. No entanto, o controle emocional, autoconfiança, escuta ativa, capacidade empática, flexibilidade, criatividade e sobretudo a capacidade de inspirar segurança psicológica na organização, são fatores fundamentais que um líder deve dominar, em qualquer movimento de improvisação.

Os imprevistos nos afastam de nossa zona de conforto, instigando nosso pensamento crítico nos forçando buscar o novo. A atuação improvisada, que assusta a muitos, consiste em enfrentarmos os imprevistos, tirando o máximo de proveito dos desafios que nos surgem. Assista ao vídeo de Bruce Springsten no Youtube e aprenda como um verdadeiro líder improvisa. Sem medo de correr riscos, ouvindo a equipe, dando sinalizações claras de como proceder e, principalmente, se divertindo muito. Não conheço melhor definição de "Flow". S





**O BAIXO CRESCIMENTO GLOBAL, QUANDO LONGO, ELEVA A DESIGUALDADE DE RENDA NOS PAÍSES EM QUASE 20%. E AGORA AS PROJEÇÕES DE CRESCIMENTO NO MÉDIO PRAZO INDICAM A MAIOR DESACELERAÇÃO EM DÉCADAS**



**KRISTALINA GEORGIEVA,** diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI)



# + 412%

Foi o salto da base anual do lucro líquido do Grupo Carrefour Brasil, dono do Atacadão e Sams Club, no segundo trimestre de 2024, alcançando R$ 151 milhões. Este crescimento, segundo a companhia, se dá pela otimização dos custos e expansão eficiente das operações. O lucro líquido contábil foi R$ 330 milhões, revertendo prejuízo de R$ 249 milhões de um ano antes.

R$

**1,7 trilhão** Foi a cifra atingida pela B3 no estoque de produtos de renda fixa de dívida corporativa ao fim do primeiro semestre de 2024, 18% mais que um ano antes. Segundo a bolsa, o maior volume foi de debêntures, cujo estoque alcançou R$ 1 trilhão, alta de 21% em relação a junho de 2023.

R$

**2 trilhões** Em impostos. Esta foi a cifra batida no dia 21 de julho no Impostômetro, que mensura o volume de taxas, obrigações e impostos que o brasileiro paga. O número, em 2024, chegou 40 dias antes do verificado em 2023, segundo levantamento da Associação Comercial, responsável pelo levantamento.

# – 13,2%

Foi a queda no termômetro de temperatura do Clima Econômico na América Latina, no segundo trimestre de 2024, informa a FGV. O indicador caiu 14 pontos entre um ano e outro, passando de 105,7 para 91,7 pontos. No contador da FGV, números vão de 0 a 200, e marcações inferiores a 100 são consideradas pessimismo.




O bitcoin voltou a subir nas últimas semanas após chegar à casa dos US$ 53 mil no início de julho, mas ainda está distante de voltar ao recorde de preço atingido em março, de US$ 73 mil. No mercado brasileiro, porém, a máxima histórica em relação ao real já foi alcançada. Na segunda-feira (22), a criptomoeda ultrapassou pela primeira vez a casa dos R$ 377 mil. Na relação entre o dólar e a criptomoeda, o bitcoin ainda está cerca de US$ 6 mil distante da máxima histórica. E a diferença deve diminuir conforme andar a corrida presidencial norte-americana.

 FOTO: DIVULGAÇÃO

# S&P500 E TECH: ATÉ O BENCHMARK FICOU MAIS ARRISCADO



**NORBERTO ZAIET**
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

O índice S&P 500, que reúne as 500 empresas líderes nas bolsas norte-americanas, é um dos principais benchmarks utilizados na indústria para medir a performance dos gestores de capital especializados em renda variável americana. O objetivo de quem administra dinheiro de maneira ativa é superar esse indicador: o gestor que bate o S&P 500 de maneira consistente ao longo do tempo atrai capital, pois consegue, por meio de uma atuação ativa no mercado, gerar mais retorno para o investidor.

Como não existe almoço grátis, para bater o benchmark o gestor assume, em teoria, mais risco. A gestão ativa de portfólios envolve um nível de concentração maior do que o do mercado em geral. Um gestor especializado em value investing, por exemplo, administra um portfólio concentrado em poucos nomes: casos que foram selecionados em um processo metódico, analisados profundamente e acompanhados com lupa 24 horas por dia, sete dias por semana. Já a gestão passiva, por exemplo, de um ETF que acompanha o S&P 500, mantém o portfólio espalhado nas 500 empresas que compõem o índice, na exata proporção que cada uma possui na sua composição. Em tese, o investidor passivo em um ETF seguindo o S&P 500 corre menos risco, uma vez que sua carteira está diversificada, aplicada nas 500 maiores e melhores empresas do mercado. No meio do caminho entre o value investor e o gestor passivo há uma serie de estratégias que, com maior ou menor grau, envolvem concentração em determinados setores da economia ou nomes específicos — quando comparados com o benchmark.

Ao final de 2018, o setor de tecnologia representava cerca de 17% do S&P 500. O setor de serviços de comunicação ("communication services"), que abriga nomes como Google, Meta e Netflix, outros 10%. O setor de tecnologia, portanto, era responsável por cerca de 27% do mercado. Depois da pandemia, ao final de 2021, esses dois setores combinados chegaram a 36% do índice. Hoje são 41%.

Se olharmos para empresas específicas, a coisa fica ainda mais séria. Em 2018, Apple representava cerca de 3% do índice, assim como Microsoft, Amazon e Google (contando as duas classes de ações). Meta representava cerca de 1,5%, e Nvidia era coisa de quem entendia de tecnologia e gostava de jogar videogame. Hoje, Apple representa cerca de 7% do índice total, assim como Microsoft e Nvidia. Google tem pouco mais de 4%, Amazon possui aproximadamente 3% e Meta alcança por volta de 2%. É isso mesmo: apenas seis companhias compõem aproximadamente 30% do S&P 500.

Sem questionar o mérito das empresas e da gestão, que, de fato, entregou — e continua entregando — resultados extraordinários, o nível de concentração em poucos nomes não deixa de ser extravagante. Mesmo gestores acostumados a administrar recursos de maneira mais arrojada sentem um certo desconforto. O nível de concentração chega a ser tão grave que, em semanas recentes, observamos dias em que o índice caia simplesmente porque caíam o preço das ações dessas poucas empresas, mesmo quando as outras 494 estavam em alta.

Seguir o S&P 500, hoje em dia, é tão arriscado quanto colocar o dinheiro na mão de um gestor que administra capital ativamente. Grande parte dos gestores com quem converso não possuem níveis de concentração em setores ou empresas da maneira que o índice sugere, pois fazer isso vai contra o manual da boa gestão de riscos. O que era sinal de diversificação se transformou, em poucos anos, no contrário disso.

Como consequência, boa parte dos gestores ativos vem tendo dificuldade de superar o índice. Afinal, com o S&P 500 nesse nível de concentração, quem precisa de gestão ativa?

INÊS 249





POR **MARCOS STRECKER***

# KAMALA VAI SALVAR A BIDENOMICS?

*A política econômica do presidente democrata não convenceu a população, mas pode se consagrar com a possível vitória da vice na corrida à Casa Branca*

Até o último domingo (21), todo o mundo econômico nos EUA estava voltado para decifrar o que seria o segundo mandato de Donald Trump. A reviravolta na corrida presidencial com a retirada de Joe Biden do páreo, assim como o impulso inesperado da consolidação aparentemente irreversível da vice Kamala Harris como candidata democrata, mudou toda a dinâmica dos debates entre agentes, investidores e executivos. Agora todo o esforço é antecipar o que acontecerá com a maior economia do mundo se ela vencer.

Do ponto de vista dela, o maior desafio vai ser defender o legado de Biden enquanto promete um novo ímpeto para corporações e trabalhadores. A Bidenomics, ambiciosa política econômica do atual presidente, impulsionou os negócios e beneficiou todos, mas virou um problema para a atual administração. A inflação foi um pesadelo para Biden, já que a alta dos preços foi sentida largamente pela população e fez a confiança em sua política econômica derreter, apesar de ter levado a sociedade americana ao virtual pleno emprego (mais de 15 milhões de postos criados). Além disso, Biden estendeu os bônus generosos concedidos na pandemia e aliviou os juros para os endividados. Ao aprovar investimentos públicos trilionários para infraestrutura, indústrias e transição energética, ele seguiu um modelo de inspiração neokeynesiana, um antigo sonho dos democratas. Tentou criar a própria versão do New Deal, a política implementada por Franklin Delano Roosevelt nos anos 1930 que venceu a Recessão, esboçou um plano de proteção social e transformou os EUA na potência que dominou o século XX.

Mas a estratégia não deu certo. A população acha que Trump, em seu governo, foi um piloto muito mais eficiente para a economia do que o mandatário que encerra melancolicamente sua passagem pela Casa Branca (uma peça injusta pregada pela história ao veterano democrata). Muitos dos investimentos generosos do presidente enfrentaram enormes desafios de implementação. Em infraestrutura, ainda é um sonho distante a modernização prometida para estradas, ferrovias, portos e telecomunicações. Como o Brasil está cansado de vivenciar, recursos abundantes para obras públicas facilmente se perdem nos escaninhos da burocracia. Já Kamala, se eleita, poderá implementar de fato o programa iniciado por Biden. Analistas apontam que ela vai ampliar a Bidenomics. Na versão 2.0 do plano, ela pode pilotar a fase de entregas, beneficiando-se dos resultados concretos e palpáveis.

A agenda social também poderá ser ampliada num eventual governo dela, dando sequência ao que Barack Obama começou e Joe Biden aprofundou. Seria o mais próximo possível de uma versão norte-americana do Estado de Bem-Estar Social, ainda que em moldes infinitamente distantes da social-democracia europeia. "Medicare for all" (saúde pública para todos), o mote que ela utilizou em sua pré-campanha de 2020, seria um passo e tanto se fosse implementado, além do que Obama conseguiu ao criar o Obamacare com um esforço hercúleo.

Mesmo assim, ela precisará fazer um esforço enorme para convencer os americanos. O discurso de Trump ainda tem forte apelo nas regiões que testemunharam a decadência industrial do país – e muitas estão exatamente nos "estados-pêndulo", que oscilam entre democratas e republicanos. Além disso, Trump ganha votos ao demonizar e criminalizar os imigrantes e prometer ainda mais protecionismo, com taxas de 10% para todas as importações. Wall Street já abraçou o trumpismo com a expectativa de menos impostos para as empresas, o que aumenta o lucro, e a promessa de desregulação selvagem soa como música aos ouvidos de bilionários libertários como Elon Musk. Antes do "fenômeno Kamala", o trumpismo já tinha sido normalizado pelo establishment, apesar da tentativa de golpe na última eleição e das dezenas de processos que o ex-presidente enfrenta na Justiça.

Como ex-procuradora-geral da Califórnia, acostumada aos espinhosos processos criminais, Kamala parece representar uma arma eleitoral eficiente contra o republicano. Do ponto de vista econômico, ela lidou com o enorme potencial do seu estado e o dinamismo das big techs do Vale do Silício ao mesmo tempo em que exerceu uma agenda "pró-consumidor". Resta saber se a "Kamalanomics" também terá um apelo igualmente efetivo para o bolso do eleitor. S

**MARCOS STRECKER é jornalista, diretor do Núcleo de Negócios da Editora Três (**ISTOÉ DINHEIRO, DINHEIRO RURAL** e **MOTOR SHOW**)*

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

INÊS 249

# TOKIO MARINE HALL

CURTA O MOMENTO!
A TOKIO MARINE SEGURADORA
CUIDA DE TUDO.

16

## Symphony X

LUIZ TOFFOLI

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

AFTER SHOW MOFO JAM

**27 DE JULHO - 22H**

16

ESPECIAL VERA CRUZ & ELDORADO

## EDU FALASCHI

DVD REBIRTH LIVE IN SÃO PAULO
REVISITED
20TH ANNIVERSARY

**03 DE AGOSTO**

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

PRÉ E AFTER SHOW AVENTHUR

SHOW DE ABERTURA STORIA

CONVIDADO ESPECIAL NOTURNALL
COM PARTICIPAÇÃO DE MIKE ORLANDO

16

## ISA BUZZI

PRIMEIRA TURNÊ

PRIMEIRA TOUR

**04 DE AGOSTO - 17H**

16

TOP LINK MUSIC APRESENTA:

## KIKO LOUREIRO

ABERTURA:
GUSTAVO DI PADUA
LUIZ TOFFOLI

CONVIDADOS ESPECIAIS:
BUMBLEFOOT LUIS MARIUTTI LOBÃO ALIRIO NETTO

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

PRÉ E AFTER SHOW DISTURBED COVER

**10 DE AGOSTO - 22H**

16

## INIMIGOS da hp

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

PRÉ E AFTER SHOW QUINTAL DO MARKINHO

**16 DE AGOSTO - 22H**

16

## BAILE DO Magal

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

PRÉ E AFTER SHOW MARKINHOS MOURA

**24 DE AGOSTO - 22H**

16

## SUPER TRAMP EXPERIENCE

A MAIOR BANDA TRIBUTO AO SUPERTRAMP DO MUNDO

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA: PALCO NOVOS TALENTOS

PRÉ E AFTER SHOW JESSICA FERRARA

**25 DE AGOSTO - 20H**

16

## ART POPULAR

O Canto da Razão

**31 DE AGOSTO - 22H**

Cia. Aérea Oficial:




Mídia Partner:




Apoio:













Realização:










Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.

Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

INÊS 249

DM9

BOA VISTA

# VILLAGE

GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

FOTO REAL DO SURF LODGE RESIDENCES

## O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXCELÊNCIA JHSF JÁ É REALIDADE.

O Village com cultura, liberdade, diversão e senso de comunidade, num projeto arquitetônico por Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson e paisagismo de Maria João d'Orey.

SURFSIDE RESIDENCES


PERSPECTIVA ARTÍSTICA

GOLF RESIDENCES


FOTO REAL

GRAND LODGE RESIDENCES


PERSPECTIVA ARTÍSTICA

FAMILY OFFICES


PERSPECTIVA ARTÍSTICA

VILLAGE HOUSES


PERSPECTIVA ARTÍSTICA

LOTES EXCLUSIVOS


PERSPECTIVA ARTÍSTICA

**JHSF**
SURPREENDENTE

SAIBA MAIS



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

Aviso Legal: O presente se refere aos loteamentos e às incorporações do Boa Vista Surf Lodge, do Boa Vista Golf Residences, do Grand Lodge Hotel & Residences, do Surfside Residences, do Village Family Offices, registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina para prática de surf, ao spa, ao equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária, no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village já constituído e nos regulamentos específicos. A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.